

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CCE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO - PPGCOM**

**Cássia Tamyris Sousa**

**A CONSTRUÇÃO DE GÊNEROS NAS TIRAS DE HUMOR DO *BLOG* UM  
SÁBADO QUALQUER**

**Teresina**

**2013**

**CÁSSIA TAMYRIS SOUSA**

**A CONSTRUÇÃO DE GÊNEROS NAS TIRAS DE HUMOR DO *BLOG UM SÁBADO QUALQUER***

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí.

Orientador: Prof. Drº Francisco Laerte Juvêncio Magalhães

**Teresina**

**2013**

**CÁSSIA TAMYRIS SOUSA**

**A CONSTRUÇÃO DE GÊNEROS NAS TIRAS DE HUMOR DO BLOG  
UMSÁBADO QUALQUER**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí.

Linha de pesquisa: Mídia e produção de subjetividades

Aprovada em: \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Francisco Laerte Juvêncio Magalhães – UFPI  
Presidente

---

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas - UFC

Examinador

---

Profa Dra. Janete de Páscoa Rodrigues – UFPI  
Examinadora

## AGRADECIMENTOS

A meu orientador, o Prof. Dr. Laerte Magalhães, que me acompanha desde a graduação, primeiro como orientador da iniciação científica, posteriormente como professor e orientador do meu trabalho de conclusão de curso, por suas exposições que sempre estimulam mais à reflexão do que a facilidade das respostas prontas e, sobretudo pela paciência que tem tido comigo ao longo destes anos sempre explicando os mesmos conceitos inúmeras vezes.

Aos professores do PPGCOM pelas contribuições ao longo das disciplinas, conversas de corredor e sugestões bibliográficas, especialmente o Prof. Dr. Paulo Fernando Lopes que me ajudou com algumas das reflexões teóricas e metodológicas e à Prof. Dra. Graça Targino pelas valiosas contribuições em relação ao meu projeto.

Aos meus colegas de turma (Adriana, Americo, Edienari, Jennyffer, Marcela, Núbia, Renata, Samaria e Thays) pela amizade, pelo apoio, pelo sofrimento e angústia partilhados.

Ao blogueiro Carlos Ruas que permitiu o uso das tirinhas de sua autoria em artigos científicos eventualmente publicados em revistas acadêmicas, pela sua disponibilidade e presteza em sanar minhas dúvidas.

A minha mãe pelo apoio incondicional em todas as minhas empreitadas.

Aos meus amigos, pelo apoio e pelas conversas estimulantes que eventualmente produziram alguma ideia para este trabalho, especialmente ao Mailson que me ajudou nas correções, à Lourdes por me socorrer em sua casa quando não conseguia fazer nada na minha e à Patricia que sempre esteve lá para me ouvir nos momentos mais angustiantes.

*Entendo que posso apreender os fenômenos e enumerá-los por meio da ciência, mas nem por isso posso captar o mundo.*

*Albert Camus (1913-1960)*

## RESUMO

Este trabalho propõe-se a analisar os discursos constituintes das tiras de humor publicadas no blog Um Sábado Qualquer, tendo como foco os lugares sociais atribuídos ao homem e à mulher a partir dos personagens Adão e Eva. A pesquisa tem como objetivo identificar que noções de gênero masculino e feminino são construídas num contexto de humor. Para isso, selecionamos as tiras de humor de acordo com a temática de gêneros sexuais. Operacionalmente, tentamos deslindar algumas das estratégias enunciativas utilizadas neste processo e descrever os aparatos textuais e imagéticos utilizados, também mostramos as suas formas de dizer e identificar as vozes sociais que aparecem no discurso do blog na construção de Adão e Eva. Trabalhamos ainda com a perspectiva de buscar os elementos recorrentes nas tiras de humor. Utilizamos o método de Análise de Discurso, fundamentado em Fairclough (2008). Porém, buscamos apoio teórico em outros autores para chegarmos a uma definição sobre o conceito de discurso mais adequado ao nosso objeto, e outros conceitos que formam a base da fundamentação teórica deste trabalho como são os de formação discursiva e interdiscurso, a partir das considerações teóricas de Foucault (2007, 2008) e Maingueneau (2008). Usamos as contribuições de Bourdieu (2004), Maingueneau (2010) e Rodrigues (1990) para discutir o conceito de campo e desenvolvemos uma discussão sobre internet e pós-modernidade com o aporte de Castells (2003), Bauman (1998, 2001, 2004), Giddens (2002), Recuero (2009), Silva (2003), dentre outros autores.

**Palavras-chave:** Discurso. Blog. Tiras de Humor. Gêneros Sexuais

## ABSTRACT

This study aims to analyze the constituents of the speeches of humor strips published in the blog Um Sábado Qualquer, focusing on the social places allocated to men and women from the characters Adam and Eve. The research aims to identify which notions of male and female gender are constructed in the context of humor. We selected humor strips according to the theme of genders. Operationally, we try to disentangle some of the declared strategies used in this process and describe the textual and pictorial devices used to, we also show their ways of saying and identify the social voices that appear in the speech of the blog in the construction of Adam and Eve still work with perspective fetching the recurring elements in the humor strips. We use the method of discourse analysis, based on Fairclough (2008). However, we seek theoretical support for other authors to arrive at a definition of the concept of discourse best suited to our object, and other concepts that form the basis of the theoretical foundation of this work as are the discursive formation and interdiscourse, from theoretical considerations Foucault (2007, 2008) and Maingueneau (2008). We use the contributions of Bourdieu (2004), Maingueneau (2010) and Roberts (1990) to discuss the concept of field and develop an topic about internet and postmodernity with the contribution of Castells (2003), Bauman (1998, 2001, 2004 ), Giddens (2002), Recuero (2009), Silva (2003), among other authors.

**Palavras-chave:** Discourse. Blog. Humor Strips. Sexual Gender

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>9</b>  |
| <b>2 ANÁLISE DE DISCURSO: ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA...13</b>   |           |
| 2.1 Saussure: da língua ao discurso.....                            | 13        |
| 2.2 Enunciação e discurso.....                                      | 16        |
| 2.3 Uma configuração do campo midiático.....                        | 20        |
| 2.4 Fundamentos metodológicos.....                                  | 24        |
| 2.4.1 Formação discursiva.....                                      | 24        |
| 2.4.2 O primado do interdiscurso sobre o discurso.....              | 25        |
| 2.4.3 O conceito de discurso.....                                   | 27        |
| 2.4.4 As ideologias.....  | 29        |
| 2.5 Gêneros Sexuais.....  | 33        |
| 2.6 O humor e suas facetas.....                                     | 34        |
| 2.6.1 O humor enquanto acontecimento.....                           | 35        |
| <b>3 INTERNET: ASPECTOS GERAIS.....</b>                             | <b>37</b> |
| 3.1 Internet e a modernidade tardia.....                            | 39        |
| 3.2 <i>Blog</i> .....   | 43        |
| 3.3 <i>Blog</i> : tipologias.....                                   | 45        |
| 3.4 O <i>blog</i> Um Sábado Qualquer.....                           | 45        |
| 3.4.1 Deus, Adão e Eva.....   | 50        |
| 3.5 O humor gráfico.....  | 52        |
| 3.6 Tiras de humor.....   | 53        |
| <b>4 UM SÁBADO QUALQUER NOS EMBATES DE GÊNERO.....</b>              | <b>55</b> |
| 4.1 Os personagens.....   | 56        |
| 4.2 Virilidade (O masculino).....                                   | 58        |
| 4.3 O feminino.....   | 63        |
| 4.4 Fidelidade.....   | 67        |
| 4.5 Expectativas quanto ao sexo oposto.....                         | 69        |
| 4.6 A fronteira entre o masculino e o feminino: as alteridades..... | 73        |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                  | <b>74</b> |
| <br>  |           |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                              | <b>77</b> |
| <br>  |           |
| <b>ANEXOS.....</b>  | <b>79</b> |



## 1 INTRODUÇÃO

Nas duas últimas décadas, desde a sua disseminação comercial, a internet tem transformado os modos de comunicação e, por consequência, as formas de sociabilidades. Ao apresentar mudanças rápidas como, por exemplo, as ferramentas interativas nos sites e *blogs* que, na maioria das vezes nem mesmo se consolidam, pois já dão lugar a outras, a internet tem exigido dos usuários que estejam sempre atualizados em relação ao que há de “novo” e, conseqüentemente, que sejam capazes de se adaptarem às mudanças.

O advento da internet tornou possível novas formas de sociabilização. Isso porque a internet caracteriza-se pela convergência, interatividade, customização e acúmulo de conteúdo de forma mais viável tanto tecnicamente como economicamente, atualização contínua e hipertexto. (PALACIOS, 2003) Este último já se apresentava em mídias mais tradicionais, como a TV, mas não de forma consolidada como ocorre na internet atualmente.

A internet tem sido palco de debates sobre os mais variados temas que, cada vez com maior frequência, têm pautado as mídias tradicionais, como o rádio e TV. Os assuntos suscitados na internet podem ser atuais, como as notícias veiculadas por portais e sites noticiosos, as chamadas notícias “quentes”, assim como também podem referenciar diversos outros aspectos culturais mais amplos como, por exemplo, arte em geral, religião, filosofia, política, entre outros.

Ressaltamos que assim como as mídias impressas e a televisão buscam, nos últimos tempos, adequar-se ao universo virtual, quando tentam tornar suas formas de mostrar conteúdos mais atrativas e interativas, o meio virtual também incorpora formatos que não surgiram com ele. É o que alguns autores, dentre eles Jenkins (2006), chama de convergência de mídias, uma das características atribuídas à internet. Quanto a este aspecto, podemos dizer que as tirinhas de humor são um gênero originalmente do meio impresso, mas que tem se tornado frequente no meio virtual. E o *blog* é um dos principais gêneros do meio virtual que é utilizado para divulgação delas.

Não raro essas tirinhas transitam por diversos outros gêneros virtuais como as redes sociais, sites de variedades, sendo inclusive publicadas em livros. Ou seja, seu conteúdo não permanece apenas onde se originou. Atualmente, há diversos *blogs* que publicam tiras de humor. É o caso das páginas virtuais Will Tirando (<http://www.willtirando.com.br/>), Capinaremos (<http://capinaremos.com/>),

DrPepper(<http://drpepper.uol.com.br/>) e Um Sábado Qualquer (<http://www.umsabadoqualquer.com/>), para citar alguns deles.

Neste trabalho, analisamos os discursos constitutivos das tirinhas de humor do *blog* Um Sábado Qualquer. Esta página virtual publica tirinhas de humor em que personagens do universo cristão são apresentados na abordagem de temas diversos, embora também apareçam referências a outras religiões como o hinduísmo e elementos da mitologia grega, romana, entre outros. Entretanto, recortamos apenas as tirinhas que trazem como tema as relações entre gêneros sexuais em que aparecem os personagens Adão e Eva. Por dois motivos escolhemos este recorte: o primeiro é que dispomos de tempo insuficiente para pesquisar todas as tirinhas do *blog*. O segundo é que estes dois personagens, na religião cristã, são o primeiro casal (homem e mulher) da humanidade. Adão é o primeiro ser humano criado por Deus e posteriormente Deus teria criado Eva para lhe fazer companhia. Portanto, os dois são a primeira proposta das religiões cristãs de modelos de gêneros sexuais.

A motivação para a escolha deste tema advém da percepção de que, apesar de serem personagens que remetem à origem do ser humano, dentro de uma perspectiva cristã, Adão e Eva são retratados nas tirinhas do *blog* com comportamentos atuais, ou seja, eles se mostram como um casal que vive e interage na sociedade de agora.

Por este motivo acreditamos que este trabalho possa trazer alguma contribuição social na medida que observa os comportamentos atribuídos aos personagens.

Essa temática tem gerado polêmica nos tempos atuais, seja no interior de grupos que lidam diretamente com ela, como o (s) movimento (s) feminista (s), seja num contexto social mais amplo.

Desde o seu surgimento, o movimento feminista cada vez está mais fragmentado por causa das inúmeras noções de feminismo e de feminino. Daí, a referência a ele no plural anteriormente, porque se acredita que devido a diversidade de discursos que circulam socialmente não se pode mais referir-se a estemovimento como uno, mas, sim, diverso. De forma não tão sistematizada, há também um “movimento” de quebra de valores quanto à posição tradicionalmente ocupada pelo homem socialmente. Nos dias atuais, por exemplo, homens adotam comportamentos que outrora eram associados exclusivamente ao universo feminino, como a preocupação excessiva com a aparência, sendo designados na gíria urbana como “metrossexuais”.

Neste contexto, entendemos que se faz necessário observar como a mídia compreende as mudanças desses lugares sociais, pois ela assume um papel importante na circulação e consolidação de determinados discursos.

Objetivamos, com isto, estudar a construção das noções de gênero masculino e feminino com os personagens Adão e Eva no blog Um Sábado Qualquer, em busca de compreender as estratégias enunciativas utilizadas neste processo. Neste sentido, descrevemos os aparatos textuais e imagéticos utilizados pelo blog, as suas formas de dizer, quando da construção dos personagens Adão e Eva e identificar as vozes sociais que aparecem no discurso do blog na construção de Adão e Eva.

O referencial teórico-metodológico utilizado é a Análise de Discurso (AD), fundamentada em Fairclough (2006), embora também busquemos amparo teórico em outros autores, tais como Foucault (1969, 2006), Bourdieu (2004), Maingueneau (2010), dentre outros. Usamos o método da Análise de Discurso amparado na perspectiva de Maingueneau do primado do interdiscurso sobre o discurso. Ou seja, nosso método é comparativo, mas não cruzamos discursos de suportes midiáticos distintos e sim comparamos discursos no interior de um mesmo interdiscurso.

No primeiro capítulo, discutimos os conceitos utilizados na análise do corpus. Apresentamos os conceitos de discurso, ideologia, campo e heterogeneidade enunciativa – conceitos que norteiam esta pesquisa – por meio de autores como Foucault (2008), Fairclough (2008), Thompson (1995), Bourdieu (2004), Authier-Revuz (1990), dentre outros.

No segundo capítulo, fazemos uma discussão sobre a internet e o gênero blog. Expomos um breve histórico do surgimento da internet tomando como base Castells (2003) e relacionamos esta mídia recente à pós-modernidade fazendo uso das considerações de Bauman (1998), Giddens (2002) dentre outros autores. Não nos detemos em outros gêneros típicos da internet porque não é esse o foco da pesquisa, mas, quando necessário, citamos gêneros – redes sociais, por exemplo – que se entrecruzam com o blog para termos um melhor entendimento. Também fazemos uma breve descrição de gêneros imagéticos de humor, nos detendo nas tirinhas que é o foco desta pesquisa.

No terceiro capítulo, apresentamos a análise do *corpus*. Pela impossibilidade de uma análise mais detalhada de todas as tirinhas, estabelecemos temáticas e elegemos uma tirinha como base para cada um destes temas. Contudo, isto não impede a citação de outras tirinhas no decorrer de cada análise.

Por fim, tecemos algumas considerações acerca do material analisado.

## **2 ANÁLISE DE DISCURSO: abordagem teórico metodológica**

Neste primeiro capítulo pretendemos apresentar a concepção de discurso adotada nesta pesquisa, bem como conceitos que estão intrinsecamente relacionados ao de discurso para que possamos ter uma visão abrangente do objeto analisado – as tirinhas de humor – em sua discursividade. Convocamos para essa discussão Bourdieu (2004), Maingueneau (2010) e Fairclough (2008). Também tomamos de empréstimo as considerações de autores como Saussure (2006), Verón (2004), Frege (2009), Foucault (2007, 2008), dentre outros. Portanto, buscamos delinear esta pesquisa a partir de uma perspectiva da Análise de Discurso levando em conta o funcionamento da linguagem, o agenciamento de sentidos e as posições dos sujeitos implicados no ato interlocutivo. (PINTO, 1999) No decorrer deste capítulo, intentamos mostrar qual a nossa compreensão acerca dos conceitos apresentados pelos autores supracitados. Também apresentamos qual o método utilizado na análise do material empírico e mostramos que categorias pensamos ser pertinentes para a análise.

### **2.1 Saussure: Da língua ao discurso**

Antes de tratarmos propriamente de discurso, pensamos ser necessário um percurso pelos estudos linguísticos de Saussure (2006) e de lógica da linguagem, de Frege (2009).

O pensamento de Saussure disseminou-se pelo mundo de forma indireta, através de seus discípulos que publicaram o Curso de Linguística Geral em 1916 a partir de anotações que eles próprios fizeram dos três cursos ministrados por Saussure nos anos de 1907, 1908 e 1910 na Universidade de Genebra.

Em seus estudos, Saussure (2006) conferiu novo status à linguística ao expor uma maneira diferenciada de pensar esta área do saber. Até então, a linguística tinha se detido no estudo da gramática, ao estudo comparativo entre línguas, etc. (PEIXOTO, 2009) Saussure (2006) propõe o estudo dos fatos da língua, com foco na *langue* (língua), buscando compreender que características são recorrentes a qualquer sistema linguístico. Assim sendo, define a língua como “[...]um sistema de signos que exprimem ideias, e é comparável, por isso, à escrita, ao alfabeto dos surdos-mudos, aos ritos simbólicos, às formas de polidez, aos sinais militares, etc., etc. Ela é apenas o principal desses sistemas.” (SAUSSURE, 2006, p.24) Em seus estudos, Saussure torna importante a noção de estrutura, principalmente a interdependência das partes que a constitui – os signos, que têm seu valor definido na oposição com os outros. Considera a

língua um fato social, instaurando-a, assim, como objeto de estudo da Linguística. Em contrapartida, descarta a *parole* (fala) de seus estudos por considerá-la da ordem do individual e, por este motivo, de difícil sistematização pela ciência. A língua, ao contrário, por ser um código comum a todos que dela partilham é passível de ser estudada de forma sistemática e científica.

Quando o autor refere-se à língua como sistema de signos, entendemos que considera o signo a unidade elementar da língua. Saussure (2006) entende, assim, o signo a partir de uma concepção binária, o par significado/significante. O significante é a forma como se representa um conceito. O significado é imagem mental da coisa representada. Um exemplo é a palavra cadeira. A sequência de fonemas forma a imagem sonora (significante) CADEIRA do objeto que usamos para sentar. O conceito correspondente a esse objeto é o seu significado.

Já os estudos lógicos de Frege propõem outra teoria do signo, na qual acrescenta o elemento da referência. Diferente do caráter binário da teoria de Saussure, Frege propõe uma tríade de elementos que orientam o signo: o sinal é a forma de representação do objeto; o sentido é o modo como esse objeto é apresentado; e a referência é o próprio objeto, a coisa em si. Assim inscreve Frege:

O mesmo sentido tem expressões diferentes em diferentes linguagens, ou até mesmo na mesma linguagem. É verdade que exceções a esta regra ocorrem. Certamente deveria corresponder, a cada expressão, que pertença a uma totalidade perfeita de sinais, um sentido determinado; mas, frequentemente, as linguagens naturais não satisfazem a esta exigência e deve-se ficar satisfeito se a mesma palavra tiver sempre o mesmo sentido num mesmo contexto. Talvez possa ser assegurado que uma expressão gramaticalmente bem construída, e que desempenhe o papel de um nome próprio, sempre tenha um sentido. Mas com isto não se quer dizer que ao sentido corresponda sempre uma referência. (FREGE, 2009, p. 63)

Frege (2009) atenta para a questão do contexto de comunicação, aspecto no qual nos deteremos adiante, mas que se faz necessário mencionar aqui como importante, pois mudando-se o contexto, muda-se o sentido da coisa representada. A noção de sentido contrapõe-se à noção de significado de Saussure (2006). Pensamos que significado é um termo problemático, pois remete à estabilização do sentido então há como estabilizar apenas um sentido se compreendemos o contexto como algo que situa e que é inerente a todo processo de comunicação. Vejamos o que Araújo (2000) diz à respeito disto:

Significado, assim, carrega a ideia de algo pronto, cristalizado e imanente, isto é, de que cada objeto possui um significado estável, próprio, que independe das circunstâncias. [...] A semiologia propõe o conceito de sentido e pretende semantizá-lo com os atributos que percebe nos fenômenos sociais: a pluralidade, o dinamismo e a propriedade de se constituir a cada situação de comunicação. Na perspectiva do sentido, o que realmente importa é o processo, não a estrutura. (ARAÚJO, 2000, p. 120)

Se entendemos que os sentidos não vêm colados às palavras ou aos objetos, também não podemos dizer que eles surgem do nada. Os sentidos são produzidos, circulam e são consumidos simbolicamente, orientam-se por meio da interação social. Contextos culturais, históricos e econômicos, assim como as formas de mediação das instituições determinam como esse processo se dá.

Contrapondo-se a Saussure (2006), Bakhtin (2010) elege a fala como objeto de estudo, embora, assim como Saussure, considere a língua social. Bakhtin considera a língua um sistema abstrato, criado a partir da observação da experiência cotidiana de seu uso – a fala. É a fala que atualiza a língua, acrescentando, modificando e ressignificando. Nesta perspectiva, a relação significante/significado de Saussure torna-se precária, pois cada signo recebe um sentido conforme o contexto.

Para Bakhtin, o ato de fala “não pode de forma alguma ser considerado como individual no sentido estrito do termo. [...] A enunciação é de natureza social.” (BAKHTIN, 2010, p.113) Isto porque, para este autor, ao enunciar, o sujeito aciona outras vozes sociais além da sua. De outro modo, nunca falamos sozinhos. Outras vozes nos precedem e estão embutidas naquilo que dizemos, pois as incorporamos ao longo da vida.

Pensando de modo semelhante, Fairclough (2008) afirma que a fala é, sim, acessível ao estudo científico e o que a torna acessível a um estudo sistemático é a sua correlação com variáveis sociais. Em outras palavras, o ato de falar é, sim, individual, mas a fala é um ato social, pois caracteriza-se pelo uso da língua, compartilhada por todos que vivem em dada sociedade.

Fiorin (2010) lista três limitações na relação língua/fala estabelecida por Saussure: a primeira está intimamente relacionada às considerações de Bakhtin (2010) e Fairclough (2008), pois diz respeito a não existência de um modelo de câmbio da língua em fala; ignorar que o discurso também é regido por leis, quando afirma que a fala é o território da liberdade e da ação criativa; e afastar da Linguística elementos que não sejam o código (língua). Existe uma relação entre o primeiro e o terceiro aspectos

porque se Saussure não considera outra coisa além do código (língua), não houve a preocupação em entender a língua em funcionamento, no caso, a fala. Já o segundo aspecto faz referência ao conceito de formação discursiva de Foucault (1969) porque diz respeito ao fato de que vivemos regidos por regras sociais. De outro modo, por mais que nos expressemos de um modo particular, não podemos dizer tudo, em qualquer lugar e em qualquer momento. Tratamos deste conceito mais detidamente no tópico que destinamos a discussão do conceito de discurso.

De modo complementar Fairclough (2008) afirma que o mais importante no processo de significação não é nem o código (língua) e nem a formação individual, pois ambos são regulados pelo interdiscurso. Este seria o elemento mais importante no processo de significação: o interdiscurso, conceito que discutimos de forma mais aprofundada no tópico sobre a metodologia desta pesquisa. Entretanto, por ora, podemos adiantar o interdiscurso como o ordenamento do discurso que deve ser seguido em um local, uma época, levando-se em consideração a relação que se dá entre sujeitos. Não podemos fazer uso do código a nosso bel-prazer, pois as palavras que escolhemos para usar em determinado contexto têm de estar na ordem daquele contexto.

Os estudos de Saussure (2006) pretendem compreender a língua enquanto estrutura, mas o próprio autor previu que futuramente surgiria uma ciência que estudaria os fenômenos da fala e deu-lhe o nome de Semiologia. Nos tópicos seguintes enumeramos pontos que consideramos essenciais nos estudos semiológicos para a compreensão deste trabalho.

## **2.2 Enunciação e Discurso**

Neste subtópico, discutimos o conceito de enunciação a partir das considerações de Benveniste (2006) e Ducrot (1987). Mas convocamos outros autores, como Verón (2004) e Magalhães (2002), para essa discussão. Pensamos que a enunciação é um conceito importante para a compreensão do conceito de discurso.

Ao apresentar sua discussão sobre a enunciação, Benveniste (2006) preenche várias lacunas deixadas pela linguística estrutural de Saussure. Benveniste propõe-se a compreender a língua em uso, acrescentando a isto a noção de subjetividade. O que interessa investigar é mais o processo (enunciação). Define a enunciação como “[...]este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.” (BENVENISTE, 2006, p. 82). O ato enunciativo é uma substância efêmera, etérea e



inapreensível em sua totalidade. Como diz Magalhães (2003), somente “cristaliza-se nas situações de comunicação, nas práticas discursivas do cotidiano.” (2003, p. 33)

A enunciação produz o enunciado. E este carrega as marcas da enunciação. É a partir do enunciado que se busca reconstituir o percurso trilhado no processo e, então, observar as suas condições de produção para compreender os sentidos produzidos. Entretanto, por sua natureza momentânea, não há como examinar a enunciação por ela mesma porque ela se inicia com a fala e cessa no momento em que também cessa a fala. É um processo ao qual não podemos retornar. Cabe ressaltar que este é um exemplo para ilustrar a fugacidade do processo enunciativo, pois aqui não se entende fala apenas como emissão sonora de fonemas. A fala é a língua em funcionamento, ou seja, pode se tratar de um texto, uma imagem ou qualquer outra matéria significativa.

Ao propor a sua teoria da enunciação, Benveniste (2006) afirma que a língua é apenas uma possibilidade de língua enquanto não for enunciada. Ou seja, é **no** e **pelo** uso que a língua se atualiza e, arriscamos dizer, que esta também é sua condição de existência. Uma língua sem uso é uma língua morta ou fadada a morrer. Quando o eu enuncia, se apropria do aparelho formal (língua) e, imediatamente, instaura um tu. O eu fora do discurso é vazio de sentido. Somente em uso ganha sentido. Essa é uma característica dos pronomes pessoais: ganharem sentido apenas em uso. Mas não é uma característica exclusiva dessa categoria gramatical. Com os dêiticos (demonstrativos) ocorre a mesma coisa. Em suma, a enunciação também demarca as posições do sujeito. É assim que Benveniste instaura que uma enunciação sempre postula uma alocação. Em outras palavras, não existe “o falar para ninguém”. Sempre falamos/enunciamos para algo ou alguém. Nem que seja para nós mesmos.

Ducrot (1987) apresenta três concepções de enunciação. A primeira diz respeito ao ato psico-fisiológico de produzir enunciados. A segunda explicita que é o produto da atividade do sujeito falante. Mas a que o autor admite como válida é a seguinte:

[...]é o acontecimento constituído pelo aparecimento de um enunciado. A realização de um enunciado é de fato um acontecimento histórico: é dado existência a alguma coisa que não existia antes de se fa-lar e que não existirá mais depois. É esta aparição momentânea que chamo de "enunciação". (DUCROT, 1987, p. 168)

Em outras palavras, o autor considera que a enunciação é, antes de tudo, acontecimento. É um processo que está entranhado em diversas outras matérias significantes. Somente quando tomamos conhecimento de suas condições de produção é

possível tentar reconstituí-lo. Já o enunciado é compreendido como segmento do discurso e difere-se da frase. Ducrot (1987) explica que a frase é uma construção gramatical. O enunciado distingue-se por ser a manifestação da frase num lugar (aqui) e num tempo (agora). Ou seja, o enunciado é sempre produzido num contexto.

De outro modo, a frase é algo menos complexa se comparada ao enunciado. De acordo com Ducrot (1987), o enunciado é sempre contextualizado. E ele traz marcas únicas de cada situação comunicacional. Isso ocorre porque cada enunciação é única.

Bakhtin (2010), por sua vez, reflete acerca da enunciação ao fazer críticas à teoria da expressão, surgida com o Romantismo literário. A teoria da expressão propõe que a expressão consiste em exteriorizar o conteúdo interior. Em outras palavras, o conteúdo, seja ele qual for, a criatividade e assim por diante estão no interior. E entendemos interior como a mente. Todavia, como mencionamos acima, Bakhtin (2001) considera que esse processo é inverso: o exterior é que orienta a atividade mental, por meio da interação verbal, dos processos de troca.

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. (BAKHTIN, 1995, p. 127)

Em Verón (2004), enunciação também é inseparável de enunciado porque são conceitos relacionados. A enunciação é da ordem do dizer e o enunciado é da ordem do dito. O que lembra a concepção do Ducrot (1987) que, com o título de seu livro *O Dizer e o Dito*, refere-se respectivamente à enunciação (o dizer) e o enunciado (o dito). Em outras palavras, a enunciação está relacionada aos modos de dizer, embora não se possa afirmar que sejam a mesma coisa: é na enunciação que se explicitam as modalidades do dizer. O enunciado é a matéria enunciativa do discurso.

Em um discurso, as modalidades de dizer configuram aquilo a que Verón (2004) chama de dispositivo de enunciação, composto pela imagem de quem fala ou o enunciador, a imagem daquele a quem o discurso é dirigido ou destinatário, a relação entre enunciador e destinatário proposta **no** e **pelo** discurso, além de este processo sempre se dar num lugar (aqui) e num tempo (agora). Convém ressaltar que o enunciador e o destinatário não são os sujeitos empíricos. São entidades discursivas, portanto são referidos como imagens.

Em linhas gerais, este é o dispositivo de enunciação proposto por Verón (2004). Pensamos que se referir ao receptor do discurso como destinatário é algo problemático, pois esta palavra sugere um lugar bem delimitado, um destino. Acreditamos que não seja isso ocorre, pois o discurso pode transitar por diversas instâncias e sujeitos e, conseqüentemente, sofrer mudanças até chegar ao destinatário almejado. Preferimos a terminologia de Magalhães (2003) donde sujeito da enunciação corresponde a enunciador e, ao invés de destinatário, ele usa enunciatário.

Também há o sujeito falado, contribuição de Pinto (1999), que corresponde à imagem que se faz daquele para quem se fala e os co-enunciadores, sujeitos que intervêm na cena enunciativa de forma direta ou indireta, intercalando-se entre enunciador e enunciatário na produção de sentidos. Os co-enunciadores são as vozes que falam junto com o enunciador, que são por ele acionadas.

Em nossa análise, trabalhamos com os implícitos a partir da perspectiva de Ducrot (1987). São os pressupostos e subentendidos. Pensamos que estas categorias são adequadas ao *corpus* pelo fato de o humor utilizar largamente estes recursos na produção de sentidos. Obviamente todos os discursos podem apresentar pressupostos e subentendidos, mas pensamos que o humor faz especial uso destas estratégias para criar o efeito do riso, do ridículo ou do achincalhe.

De acordo com Ducrot (1987), o pressuposto é de ordem linguística, tem a ver com a lógica do enunciado, ou seja, da significação. Embora o autor atente para o fato de que há contextos que devem ser levados em consideração e que nem sempre estão presentes na frase, como por exemplo a relação temporal entre o fato pressuposto e aquele que emerge no enunciado. Já o subentendido não vem marcado na frase. É de ordem retórica, portanto está relacionado às condições de produção do discurso. Em outras palavras, o que fez o enunciador proferir discurso x de forma y e não discurso z de forma a?

Além destas duas categorias, também trabalhamos com a noção de pré-construído ou o já-dito, que assemelha-se às heterogeneidades enunciativas constitutivas de Authier-Revuz (1990), pois se caracterizam por aqueles discursos históricos e culturais que já estão tão enraizados a ponto de parecerem “naturais”. (ARAÚJO, 2000) Como trabalhamos com discurso imagético, achamos pertinente o conceito de retórica visual dos personagens, posto que o blog apresenta personalidades reais e do campo religioso. De acordo com Vérón (2004)

Para cada “personalidade pública”, a mídia constrói um conjunto de traços que, em virtude dessa construção, se convertem em índices de reconhecimento do personagem, de sua imagem. No plano material visual, cada mídia dispõe de um repertório de “situações” para cada personagem, de modo a poder fazê-lo “atuar” conforme a interpretação que a mídia quer dar de uma conjuntura que lhe concerne. (VERÓN, 2004, p. 175)

De outro modo, a mídia propõe e impõe determinadas características de pessoas conhecidas, transformando-as em personagens. Isso pode ocorrer, por exemplo, quando são ressaltados traços específicos da personalidade, de modo que a partir delas haja o efeito de reconhecimento. Estas características podem ser físicas (a deformidade de traços é comum nas caricaturas) ou psicológicas em que, por exemplo, são construídas situações e comportamentos baseados em indícios biográficos da personalidade. Deus, nas tirinhas do blog Um Sábado Qualquer, surge como Criador, entretanto, no plano ficcional, Ele também é representado com atributos de ser humano.

### **2.3 Uma configuração do campo midiático**

Neste tópico fazemos algumas considerações sobre o conceito de campo, a partir da perspectiva de Rodrigues (1990), Bourdieu (2004) e Maingueneau (2010). Os três autores apresentam conceitos mais ou menos similares, mas que divergem em alguns pontos.

De acordo com Rodrigues (1990), o processo de autonomização dos campos remonta ao século XIV e coincide com o fim da hegemonia da esfera religiosa sobre as demais. Nos séculos seguintes campos como o jurídico, o médico e o científico criariam suas bases e se firmariam como campos autônomos a partir do surgimento dos movimentos sociais.

O autor explica que esse processo de autonomização tem duas facetas: a reivindicação da razão no esclarecimento das leis que regem as coisas e a “aceitação da autonomia das ordens de valores de verdade em relação aos valores éticos e aos valores estéticos” (RODRIGUES, 1990, p. 142). A primeira associa-se ao Iluminismo. A segunda, ao surgimento dos movimentos sociais no século passado, embora Rodrigues (1990) afirme que este processo não deva ser marcado apenas historicamente, pois segundo ele a modernidade “é uma visão de mundo que atravessa, em graus diferentes é certo, toda a história de qualquer cultura.” (RODRIGUES, 1990, p. 143)

Embora apropriado por outros autores, como Maingueneau (2010), o conceito de campo é creditado em primeira instância a Bourdieu (2004). Este autor realizou diversos

estudos sobre a literatura, a religião, a ciência, etc., utilizando este conceito como lente. Em linhas gerais, Bourdieu (2004) defende que para se conhecer determinada área, não basta apenas ler os textos desta área. E que também não basta conhecer os elementos exteriores aos textos, ou seja, o contexto, para compreendê-la. Em outras palavras, foge de abordagens internalistas e externalistas para compreender o que regula as áreas.

Bourdieu (2004) considera que há algo no limiar dos textos de uma área e no contexto e que chama de campo, universo relativamente autônomo que consiste em universo social como os demais, mas regido por normas e leis específicas. É relativamente autônomo porque é um microcosmo dentro de um macrocosmo e na relação que estabelece com este. A questão posta em foco a partir de então é: qual o grau de autonomia que os campos desfrutam? Quanto mais resiste às pressões externas, mais é ele autônomo. E um dos modos mais notórios de um campo demonstrar autonomia é sua capacidade de “refratar”, ou seja, adaptar-se às pressões e aos embates externos.

De modo diferenciado, Rodrigues (1990) considera que um campo social constitui a própria instituição social a qual ele prefere tratar como esfera de legitimidade. Estas instituições mostram autoridade por meio de “actos de linguagem, discursos e práticas conformes dentro de um domínio específico de competência.” (RODRIGUES, 1990, p. 144) Cabe ressaltar que são específicos de cada campo, constituindo-se assim as regras próprias dele. Essas instituições podem agir de modo formal como é o caso da polícia, por exemplo. Ou de maneira informal, por meio de sutilezas linguageiras e comportamentais, como a sexualidade. O fato de serem informais não as tornam menos legítimas ou menos poderosas. Talvez até mais por serem menos conscientes.

Seguindo este pensamento, Rodrigues (1990) afirma que as instituições sociais ou campos sociais formam-se por meio dos processos rituais que, nas palavras do autor,

é um encadeamento de discursos e de gestos publicamente visíveis que se desenrolam num espaço e numa temporalidade próprios, separados, por conseguinte, dos espaços e dos momentos da vida quotidiana (RODRIGUES, 2012, p. 146)

Já Bourdieu (2004) considera que no interior de cada campo, localizam-se agentes e instituições que o regulam, além de este campo ser “atravessado” por vários outros. Utilizamos a terminologia agente, mas compreendemos o termo como sinônimo de sujeito. (ARAÚJO, 2000)

Um campo é sempre um lugar de forças, lutas e conflitos. O campo midiático não é diferente. Um exemplo refere-se à recente celeuma acerca da obrigatoriedade do diploma de jornalista para exercer a profissão. Um dos motivos alegados contra a obrigatoriedade do diploma diz respeito ao fato de haver profissionais com outras formações trabalhando como colunistas em periódicos e até mesmo o fato de qualquer pessoa, sem diploma de jornalismo, poder criar um *blog* de notícias na internet. De acordo com Bourdieu (2004), a autonomia de um campo também é determinada pela sua capacidade em não permitir que agentes de outros campos sejam admitidos como legítimos. Nesta perspectiva, o campo médico, por exemplo, é mais autônomo do que o campo jornalístico. Somente pessoas que possuem formação em medicina podem consultar pacientes ao passo que no jornalismo, um sociólogo ou advogado pode escrever ou ser colunista de um jornal.

O acúmulo de capital simbólico por determinados agentes no interior do campo confere a eles maior poder naquele campo específico. Ressalta-se que a noção de capital nada tem a ver com questões econômicas, mas se refere ao capital simbólico. Bourdieu define o capital simbólico como o “reconhecimento” pelos pares no interior dos campos. Contudo, o autor acrescenta que, por maior que seja o capital de um agente, é difícil que consiga “manipular” um campo. Em contrapartida, os agentes não são governados de forma fortuita pelas forças do campo. Isso se deve ao fato de manterem “disposições adquiridas”, denominadas por Bourdieu de *habitus*. Este pode levar os agentes a se oporem às forças do campo. Aqueles que atuam contra as forças do campo têm pouco reconhecimento dos pares. Em contrapartida, face à sua resistência, podem alterar substancialmente ou parcialmente as estruturas do campo. Em suma, os campos caracterizam-se como locais de concorrência, em que os agentes são consumidores, mas também competidores.

Quanto a este aspecto, acreditamos ser possível fazer uma adição do pensamento de Maingueneau (2010) às considerações de Bourdieu. Primeiramente, Maingueneau (2010) parte do conceito de Bourdieu para formular o conceito de campo discursivo. Acreditamos que esta terminologia acaba sendo redundante porque entendemos que o campo é constituído por discursos.

Maingueneau apresenta a seguinte definição de campo discursivo: “um espaço no interior do qual interagem diferentes ‘posicionamentos’, fontes de enunciados que devem assumir os embates impostos pela natureza do campo, definindo e legitimando seu próprio lugar de enunciação.” (MAINGUENEAU, 2010, p. 50) De certa forma, o

autor confere um caráter mais discursivo do que sociológico, caso do conceito de Bourdieu (2004). Pensamos que são conceitos complementares.

O que ressaltamos é a maneira como as relações se dão no interior, segundo Maingueneau (2010). É um pouco distinto daquilo que propõe Bourdieu (2004), pois este considera que haja uma relação entre agentes com maior e menor capital simbólico. Maingueneau (2010) diz que o campo é constituído por um centro, uma periferia e uma fronteira. No centro estão os posicionamentos dominantes e os dominados. Na periferia situam-se os posicionamentos dominados pelo centro e que podem dizer respeito a: 1) posicionamentos que algum dia fizeram parte do centro e agora têm status periférico; 2) posicionamentos “novos” que almejam chegar ao centro; 3) posicionamentos que pretendem constituir um subcampo que goze de certa autonomia.

Pretendemos nos deter neste terceiro aspecto, pois o campo midiático é extremamente fragmentado e, às vezes, torna-se problemático definir o que é centro e o que é periferia. O centro seriam as grandes corporações midiáticas e a periferia seria constituída pelas publicações independentes? A influência de um agente é também determinada pela sua credibilidade e legitimidade. Entretanto, um fenômeno relativamente recente tem minado esses dois pilares dos agentes dominantes - os grandes grupos midiáticos - que é a ascensão das publicações virtuais: blogs, principalmente.

Além dos blogs, as redes sociais também cumprem importante papel na divulgação de conteúdos, sejam publicações de blogs ou de sites menores (que não sejam grandes portais de notícia).

A internet tem fornecido uma variedade de conteúdo tanto noticioso como de entretenimento que as corporações midiáticas, por maiores que sejam, não conseguem acompanhar. E, por vezes, o usuário mais assíduo da web tem se dado conta da redundância do conteúdo mostrado, por exemplo, na televisão, ainda considerada um meio de comunicação de massa.

É neste universo que inserimos o presente estudo. Os blogs independentes - especificamente os que publicam tirinhas de humor - estão tentando constituir um subcampo distinto daquele onde são veiculadas tirinhas de humor em publicações de circulação nacional.

## 2.4 Fundamentos metodológicos

Utilizamos o método da Análise de Discurso, fundamentada na proposta de Fairclough (2006), seu conceito de discurso enquanto prática social e sua concepção acerca de ideologia. Nosso método é comparativo, mas a comparação ocorre entre discursos de um mesmo interdiscurso posto que o objeto de estudo desta pesquisa é um *blog*. Buscamos amparo na hipótese de Maingueneau (2010) de que há o primado do interdiscurso sobre o discurso.

O recorte da pesquisa é eminentemente temático porque o *blog* não data suas postagens. Como solução, nos ativemos ao objetivo da pesquisa que é verificar como são construídos os gêneros masculino e feminino a partir dos personagens Adão e Eva no *blog* Um Sábado Qualquer e separamos tirinhas que tematizavam essa questão de gêneros. Ainda assim, o número ficou extenso. Então, estabelecemos cinco subtemas e, para cada um deles, elegemos uma tirinha para servir como base de análise. Contudo, isso não nos impede de citar outras tirinhas no decorrer da análise quando isso for necessário.

Nos subtópicos seguintes, apresentamos os conceitos teórico-metodológicos que norteiam esta pesquisa. E no capítulo 3, apresentamos de forma mais detida os subtemas, as tirinhas e a análise propriamente dita.

### 2.4.1 Formação Discursiva

É nesta perspectiva que tentamos delinear o conceito de discurso que cabe neste trabalho. Para Foucault (2008) o discurso é uma dispersão de enunciados. Embora este autor não apresente um método de análise de discurso, dá indicações teóricas sobre o caráter do discurso. O principal ponto é que o discurso se liga a uma determinada formação discursiva de acordo com suas regras de formação, passando da dispersão à regularidade. Cada uma delas acerca-se de um objeto de forma distinta. Daí apresentarem enunciados particulares e diferentes posições de sujeitos. De acordo com Foucault, pode-se falar de formação discursiva:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações,



posições e funcionamentos, transformações) [...] (FOUCAULT, 2008, p. 43)

De outro modo, os discursos somente produzem sentido quando seguem uma ordem, quando agrupados numa formação discursiva. Para esse autor, o discurso não pode ser confundido com simplesmente a expressão de desejos, ideias, etc., de um indivíduo. Tampouco com inferências racionais. À prática discursiva, Foucault (2008) diz que é:

[...]um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definiram, em uma dada época e para uma determinada área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa. (FOUCAULT, 2008, p. 133)

Anônimas porque, embora essas regras não tenham surgido do nada, é impossível precisar quem as determinou. São um já-dado. Históricas porque se constituíram ao longo do tempo, através de lutas, tensões, conflitos, muitas vezes modificando-se sem que seus agentes tivessem plena consciência disso. Determinadas num tempo e num espaço porque o discurso é contextualizado. O local e o momento em que um discurso é produzido determinam qual o seu sentido e fora desse contexto não há possibilidade de ele ser compreendido.

Pechêux (1997) apresenta seu conceito de formação discursiva sob uma perspectiva marxista. Para este autor, uma formação discursiva é aquilo que determina “o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) no interior de uma dada formação ideológica.” (PECHÊUX, 1975, p. 160) Neste caso, as formações discursivas constituem também as formações ideológicas. Em outras palavras, são estas que regem os discursos. Mais adiante nos deteremos na discussão acerca de ideologia.

#### *2.4.2 O primado do interdiscurso sobre o discurso*

Por enquanto pretendemos tratar de algo mais amplo e que constitui as formações discursivas as quais se refere Foucault (2008): o interdiscurso. Essa discussão faz-se necessária porque os discursos são originados no interdiscurso. Daí onde inferimos que um discurso está sempre em relação com outros discursos. O interdiscurso comporta vários discursos, formações discursivas diferenciadas e campos distintos. É neste sentido que Maingueneau (2008) pensa o primado do interdiscurso

sobre o discurso. Em outras palavras, a unidade de análise não é propriamente o discurso, mas as relações entre os discursos nesse espaço. Assumimos esta postura do autor principalmente porque ela não explicita quais discursos devem ser comparados, como o faz Verón (2004) ao instituir que somente se ressaltam as diferenças pela comparação dos discursos de dois suportes midiáticos diferentes. Como o objeto de estudo do presente trabalho é um produto midiático, fazemos essa digressão para explicar que, no nosso modo de entender, a comparação pode se dar entre discursos de um mesmo suporte, pois pela própria natureza do discurso (interativo, se dá em relação, ser contextualizado, etc.), acreditamos que a diferença pode ser demarcada entre discursos de um mesmo suporte de mídia.

Faiclough (2008) apresenta a seguinte configuração acerca do interdiscurso:

[...]é a entidade estrutural que subjaz aos eventos discursivos e não a formação individual ou o código: muitos eventos discursivos manifestam uma orientação para configurações de elementos do código e para seus limites, para que se possa considerar como regra o evento discursivo existente (mas especial) construído da concretização de um único código. (FAIRCLOUGH, 2008, p. 95-96)

Esse ponto pode ser exemplificado com a fala de Foucault (2006) em sua aula inaugural no Collège de France, pronunciada a 2 de dezembro de 1970, na qual ele exprime a dificuldade em começar de fato a conferência. Dificuldade semelhante a que todos temos quando iniciamos a redação de um texto, por exemplo. Por onde começar? Que palavras usar? O que dizer e como dizer? Em suas próprias palavras:

O desejo diz: “Eu não queria ter de entrar nesta ordem arriscada do discurso; não queria ter de me haver com o que tem de categórico e decisivo; gostaria que fosse ao meu redor como uma transparência calma, profunda, indefinidamente aberta, em que os outros respondessem à minha expectativa, e de onde as verdades se elevassem, uma a uma; eu não teria senão de me deixar levar, nela e por ela, como um destroço feliz”. E a instituição responde: “Você não tem por que temer começar; estamos todos aí para lhe mostrar que o discurso está na ordem das leis; que há muito tempo se cuida de sua aparição; que lhe foi preparado um lugar que o honra mas o desarma; e que, se lhe ocorre ter algum poder, é de nós, só de nós, que ele lhe advém.” (FOUCAULT, 2006, p. 7)

A angústia de redigir um texto ou proferir uma conferência torna-se menor quando temos em mente que existe um ordenamento, um modo de fazer isso. Contudo, Foucault (2006) alerta que esse temor pode indicar também o nosso medo em lidar com discursos cujas tensões foram atenuadas e sua aspereza reduzida pelo uso contínuo.

Como Fairclough (2008), assumimos que a expressão ordem de discurso de Foucault e interdiscurso são equivalentes e usaremos este último daqui em diante com este sentido.

### 2.4.3 O conceito de discurso

Entendemos com Fairclough (2008) a noção de discurso como a de linguagem em uso, como desempenho. Como afirmamos anteriormente, este autor contrapõe-se à perspectiva de Saussure (2006) de que a fala é assistemática e, portanto, inacessível aos métodos científicos. Entretanto, assinala que há duas complicações quando se opta por esse entendimento: a primeira é o perigo de assumir que a língua varie conforme fatores sociais imutáveis e que, portanto, tornem inviáveis a constituição, reprodução e mudança da língua por meio do uso da linguagem. E a segunda é correlacionar variáveis sociais a variáveis linguísticas de modo superficial, sem buscar ter uma compreensão global de vários aspectos da vida social – classes, instituições, etc. - e como se relacionam para, no fim, contribuir com a reprodução de formações sociais.

Assim, este autor delinea discurso como “o uso da linguagem como forma de prática social” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 90). Mas não apenas isto. O discurso apresenta-se numa perspectiva tridimensional: como texto, como prática discursiva (produção, distribuição, consumo) e como prática social.

A análise textual consiste em quatro etapas: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual: “o vocabulário trata principalmente das palavras individuais, a gramática das palavras combinadas em orações e frases, a coesão trata da ligação entre orações e frases e a estrutura textual trata das propriedades organizacionais de larga escala dos textos.” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 103) Se um texto apresenta um vocabulário rebuscado ou uma estrutura gramatical que não respeita as normas gramaticais vigentes de uma língua, podemos entender que são propostas relações diferenciadas entre enunciador e enunciatário. Portanto, o aspecto formal do discursotambém é importante para a análise. E não apenas isto, mas também no modo como ele se apresenta visualmente: se o texto é todo em caixa alta, se as palavras são grafadas com diferentes cores, se o texto encontra-se justificado ou alinhado à direita, se vem acompanhado de imagens ou o próprio texto é uma imagem, como é o caso desta pesquisa e assim por diante.

Além destas etapas, o autor ainda inclui outras três que estão associadas à análise da prática discursiva: os atos de fala (pedidos, juramentos, advertências, etc.) que os textos constituem; a coerência textual; e a intertextualidade, isto é, a capacidade

que os textos têm de remeter a outros textos. Este último aspecto evidencia o caráter social do discurso, pois o sujeito enunciador só pode enunciar utilizando-se do que é ofertado socialmente. Ou seja, outros discursos circulantes anteriores a sua fala. Isto, entretanto, não quer dizer que os discursos sejam todos iguais. Novos rearranjos revitalizam a produção de sentidos e a própria língua.

Ao desenvolver estudos sobre a obra do romancista Fiodor Dostoiévski, Bakhtin (1984) cunhou o termo polifonia, tomado de empréstimo da música, para designar o fenômeno da miscelânea de vozes autônomas presentes nos romances do escritor russo. Ao invés de formar um todo monológico, no qual as idiossincrasias dos personagens convergiam para uma mesma postura ideológica, Dostoiévski criou personagens com visões de mundo particulares, por vezes contraditórias, que discutem entre si.

Tomando este conceito como ponto de partida, Authier-Revuz (1990) desenvolve o conceito de heterogeneidade enunciativa. A heterogeneidade enunciativa é marcada pela presença de vários sujeitos. Esta autora propõe que todo discurso é polifônico. Ou seja, esta não é uma característica exclusiva do romance literário. O discurso verbal que produzimos ao nos comunicarmos, um artigo de jornal, uma postagem em um *blog* e, inclusive esta dissertação, são polifônicos. Contudo, somos frequentemente enredados na ilusão da autonomia da fala, como se fôssemos senhores de nossos próprios discursos. Isto acontece porque quando enunciamos nem sempre nos damos conta de que estamos reproduzindo, de forma diferente, outras vozes anteriores a nós.

Estas vozes têm sua parcela de consciência, mas também, sob outro prisma, o autor não tem domínio sobre sua produção discursiva. Delas participam vozes independentes de sua vontade, fazem parte do legado histórico e cultural próprio do lugar onde o indivíduo vive e interage socialmente. (MAGALHÃES, 2003, p. 42)

Este é um dos níveis nos quais se dá a polifonia, o nível da heterogeneidade constitutiva. Para Authier-Revuz (1990), as heterogeneidades se dão em dois planos: o da heterogeneidade constitutiva e o da mostrada. A constitutiva é formada por vozes históricas e culturais assim como as do inconsciente. O autor não tem controle sobre essas vozes e sua consciência é limitada pela manifestação delas, pois fazem parte de todo universo discursivo. Pinto (1999) considera a heterogeneidade enunciativa constitutiva como sendo a mesma coisa que o interdiscurso.

A mostrada ou constituinte refere-se à manifestação explícita de vozes e pode se dar de duas formas: marcadas ou não marcadas. As formas marcadas ocorrem quando a alteridade é explicitamente evocada por um elemento que remete a outro lugar. É o caso das falas com aspas e negritadas, por exemplo. As não marcadas ocorrem quando o outro não é apontado de forma explícita como no discurso indireto livre, nas ironias e nas metáforas, por exemplo. Essas duas modalidades são manifestas de forma mais ou menos consciente pelo autor do texto, diferentemente da heterogeneidade constitutiva.

Embora o conceito de Authier-Revuz (1990) seja passível de aplicação na análise de imagens, achamos que sua configuração mais se acerta na análise puramente textual e, por isso, optamos pelo conceito de intertextualidade de Fairclough (2008) que versa sobre a remissão de texto para texto, seja ele imagético, musical ou de outra ordem qualquer.

Dando prosseguimento, a prática discursiva inclui a produção, a circulação e o consumo textual. De outro modo, os discursos são diferenciados e, conforme essa distinção, são produzidos em contextos diferentes. Por exemplo, uma postagem de um *blog*, um pronunciamento de um político, um clipe musical e assim por diante. A circulação desses textos é um tanto mais complexa porque, embora se tenha em mente onde os discursos serão distribuídos ao serem produzidos, não há como impedir que eles “vazem” para outros ambientes e cheguem a enunciatários diversos dos pretendidos. Este é o motivo de o consumo ser diferenciado conforme o leitor. Há uma série de contextos que influenciam tanto na leitura como na produção dos discursos: histórico, econômico, social, cultural, institucional e assim por diante. Consideramos estes contextos na análise da matéria significante.

#### 2.4.4 As ideologias

Dando continuidade ao que falamos anteriormente, Fairclough pensa a terceira dimensão do discurso – prática social – como a relação que o discurso mantém com a ideologia e o poder. Em linhas gerais, esta acepção entende as ideologias como conjunto de

significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2008, p. 117)

Como o próprio Fairclough (2008) observa, é um conceito com base em Thompson (1995), mas que diverge em dois pontos. O primeiro é que, embora Thompson considere os vários tipos de relação de dominação, não apenas a econômica como dito por Marx, a ideologia sempre contribui para manutenção das relações de dominação. Fairclough (2008) rompe com essa ideia ao propor que as ideologias podem servir para transformar as relações.

Depois, quando afirma que “[...] certos fenômenos simbólicos, não são ideológicos como tais, mas são ideológicos somente enquanto servem, em circunstâncias particulares, para manter relações de dominação.” (THOMPSON, 1995, p. 76) dá margem para um modo instrumental de compreensão da ideologia, principalmente pela sua assertiva anterior ao afirmar que a ideologia “serve para reforçar pessoas e grupos que ocupam posições de poder” (THOMPSON, 1995, p. 76). Essa perspectiva, de certo modo, não se afasta da noção marxista de que a ideologia expressa os interesses da classe dominante. A diferença é que Thompson amplia os tipos de relação de dominação – entre gêneros, etnias, etc. – ao invés de referir-se apenas a questões econômicas.

Embora discordemos neste ponto, há alguns aspectos de operação da ideologia descritos por Thompson (1995) que interessa a nossa análise. O autor faz questão de deixar claro que tais estratégias não são as únicas maneiras de uma ideologia operar, que elas estejam associadas exclusivamente às ideologias ou que sejam estratégias das ideologias por excelência. Cabe ainda ressaltar que Thompson (1995) deixa claro que não pretende fazer uma lista exaustiva desses modos de operação da ideologia.

O primeiro modo é o de legitimação. Não é que as ideologias sejam legítimas, mas são sempre representadas como tal, como algo justo e patente de apoio do outro. Citando Weber, Thompson (1995) define três argumentos que baseiam as afirmações de legitimação: os fundamentos racionais (propostos dentro das regras estabelecidas), os fundamentos tradicionais (que apelam à tradição) e fundamentos carismáticos (que apelam a uma personalidade que ocupa uma posição de autoridade, logo, de poder).

O segundo modo é a dissimulação: as “relações de dominação podem ser estabelecidas e sustentadas pelo fato de serem ocultadas, negadas ou obscurecidas, ou pelo fato de serem representadas de uma maneira que desvia nossa atenção, ou passa por cima de relações e processos existentes.” (THOMPSON, 1995, p. 83) Apontamos que os discursos de humor funcionam como uma forma de dissimular essas relações de dominação, pois se utilizam de deslocamentos e eufemizações.

O terceiro modo é o da unificação. Esse modo consiste na criação de símbolos que unifiquem um grupo, por exemplo. Símbolos nacionais são os melhores exemplos (a bandeira, o hino nacional, etc), mas a unificação pode se mostrar em discursos mais cotidianos e sutis.

Há uma página de humor na rede social facebook chamada Bode Gaiato cujo conteúdo consiste em imagens de bodes com frases que remetem ao modo de falar da região Nordeste do Brasil. O título da página já dá indícios disto por meio do uso da palavra “gaiato”, termo bastante comum em vários estados nordestinos e que designa o indivíduo malicioso que conta anedotas. As expressões e o modo de falar, representado na escolha dos caracteres linguísticos (por exemplo, o modo como a frase “olha aí esse leite no fogo que eu vo sair, seu eu chegar e esse leite tiver derramado tu apanha!” constrói um dos modos de falar do nordestino), são símbolos de unificação da região Nordeste.

O quarto modo é o fragmentação que está intrinsecamente relacionado ao de unificação. Para que se unifique é preciso excluir algo, portanto a fragmentação consiste no expurgo do outro.

Podemos exemplificar a mesma página do Bode Gaiato que posta uma imagem com duas paisagens paralelas: na primeira, vê-se representado o rio Tietê e na segunda uma praia do Nordeste. Um texto posicionado acima da primeira explica: “praia do paulistano”. Na segunda: “praia do nordestino”. Para além da ironia (porque o rio Tietê não é uma praia), pode-se interpretar que o Nordeste é o local de praias limpas e belas e São Paulo é uma cidade poluída, e que tem por “praia” um rio poluído. De outro modo, São Paulo está excluída do Nordeste não apenas por questões geográficas, mas pela ausência de praias belas e limpas.

O quinto modo de operação é a reificação que consiste na naturalização de processos transitórios como se estes fossem permanentes. Um exemplo que podemos dar é o que utiliza a estratégia da eternalização: “Todo político é corrupto.”.

Para discutir seu conceito e ideologia, Thompson (1995) parte de um resgate histórico do uso do termo e divide dois modos de compreensão da ideologia: um neutro, a partir de Destutt de Tracy, Lenin, Lukács e uma das perspectivas de Man-nheim. E o modo crítico e negativo, com base em Napoleão, Marx e a outra perspectiva de Mannheim. Não pretendemos nos deter nos conceitos de cada um desses autores, mas ressaltamos que embora estejam arrolados no mesmo grupo, têm concepções diversas uns dos outros. A semelhança é apenas no valor que conferem à ideologia. E este é o

ponto que nos interessa: o valor. No nosso entendimento, a proposta conceitual de Fairclough (2008) não está em nem um e nem no outro grupo. Entendemos que sua visão sobre a ideologia é crítica e positiva.

Vejamos os critérios de negatividade que Thompson (1995) arrolou: abstrata ou impraticável, errônea ou ilusória, expressa interesses dominantes e sustenta relações de dominação. Pode-se dizer que a ideologia é, sim, uma abstração, mas, para Fairclough (2008), não é impraticável, pois se materializa nas práticas sociais. Verón (2004) diz ser esta materialização não propriamente a ideologia, mas o ideológico. E, segundo ele,

[...]o ideológico está por toda parte. Pode manifestar-se em qualquer nível da “comunicação social” como se diz (interpessoal, institucional, mídia de massa, etc.). Pode investir qualquer matéria significativa (o comportamento, a linguagem, a imagem, os objetos). O ideológico não é, portanto, algo da ordem do “superestrutural”: é uma dimensão que atravessa toda a sociedade. (VERÓN, 2004, p. 56)

Mas isso não quer dizer que tudo seja ideologia. Muitas outras coisas constituem o sentido, além do ideológico. Retomando os critérios de negatividade: errônea ou ilusória e expressa interesses dominantes. Fairclough (2008) não nega que isso possa constituir a ideologia, mas não apenas isso. Nem sempre a ideologia é errônea ou expressa interesses de uma classe dominante como estava na base dos conceitos arrolados por Thompson (1995). A mesma coisa se pode dizer sobre sustentar relações de dominação. Não é sempre que uma ideologia apoiará relações de dominação. Um exemplo são algumas ideologias feministas em relação à hegemonia patriarcal.

Fairclough (2008) faz outra relação entre os modos de compreensão da ideologia que nos parece importante. Explica que há uma tendência a se considerar as ideologias fruto das estruturas ou como propriedade de eventos, uma forma excluindo a outra. A tendência que considera as ideologias como pertencentes à estrutura localizam-na como subordinada de práticas linguísticas e relativas ao código (língua). O resultado é uma compreensão da ideologia como reprodução da estrutura. Outra desvantagem citada por Fairclough (2008) é que a estrutura não reconhece o primado da ordem do discurso sobre a estrutura. “Uma alternativa à opção da estrutura é localizar a ideologia no evento discursivo, ressaltando a ideologia como processo, transformação e fluidez.” (FAIRCLOUGH, 2008, p. 118) Contudo, o autor reconhece que esta perspectiva pode levar ao equívoco de que o “discurso corresponde a processos livres de formação”.



Prefiro a concepção de que a ideologia está localizada tanto nas estruturas (isto é, ordens de discurso) que constituem o resultado de eventos passados como nas condições para os eventos atuais e nos próprios eventos quando reproduzem e transformam as estruturas condicionadoras. É uma orientação acumulada e naturalizada que é construída nas normas e nas convenções, como também um trabalho atual de naturalização e desnaturalização de tais orientações nos eventos discursivos. (FAIRCLOUGH, 2008, p. 119)

É no interior desta perspectiva que articula estrutura e eventos discursivos que compreendemos as manifestações ideológicas no material empírico analisado. Entendemos a ideologia como algo múltiplo e não estanque. Afirmar que ela está localizada em apenas uma instância pode indicar que exista também apenas uma ideologia e, ainda, sua incapacidade de transformar as estruturas.

Para todos os efeitos, neste trabalho, utilizamos o conceito de ideologia esboçado por Fairclough (2008) e os modos de operação da ideologia de Thompson (1995).

## **2.5 Gêneros sexuais**

Um fato para o qual Bourdieu (2012) chama a atenção é o apagamento do gênero feminino. Do ponto de vista linguístico, esse gênero só se manifesta na ausência do masculino. Num ambiente fechado em que hajam nove mulheres e um homem, o gênero utilizado para referir-se ao grupo é o masculino, mesmo a predominância sendo feminina. Se, ao contrário do homem, fosse uma décima mulher, então o gênero feminino prevaleceria, pois o masculino encontra-se ausente nesta segunda possibilidade. Implícita que o masculino e o feminino são registrados na linguagem de modo diferenciado, evidenciando a dominação masculina.

Trabalhar com o conceito de gênero sexual constitui-se tarefa difícil justamente porque no momento atual em que a própria noção de gênero sexual fixo, masculino ou feminino, encontra-se em crise. Esta crise tem dois eixos: o primeiro é que não é mais possível ter definições precisas sobre o que caracteriza os gêneros masculino e feminino. O segundo é que, por conta dessa imprecisão, também tornou-se complicado determinar se o sujeito é do gênero feminino ou masculino. Talvez seja o caso de pensarmos que não podemos mais tratar os dois de forma excludente. Entretanto, essa linha adotada pode conduzir a armadilhas. A mais grave delas é supor a inexistência das tensões entre gêneros.

Neste sentido, é preciso que tracemos um percurso dialético em que consideremos duas situações que aparentemente são conflitantes. A primeira é que os gêneros não são mais excludentes, ou seja, que é possível a coexistência do masculino no feminino e vice-versa. E a segunda é que essa hibridação não atenua os conflitos e tensões, pelo contrário, os maximizam.

De acordo com Butler (1990) há uma tendência em se considerar o sexo como algo biológico e o gênero como socialmente construído. Tal premissa confere certo caráter determinista ao primeiro. A autora questiona esse caráter fixo do sexo. Para ela o sexo é tão discursivo quanto o gênero porque não há diferença entre eles:

Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma. (BUTLER, 1990, p. 25)

Talvez a questão do gênero se sobreponha à do sexo. Ou, arriscamos dizer, o sexo é determinado a partir do gênero. Essa é uma questão que talvez seja mais fácil de ser compreendida quando pensamos na transsexualidade que atualmente é um fenômeno social identificado cada vez mais cedo por pais e psicólogos.

Na análise do material não pretendemos fazer uma discussão aprofundada sobre gênero, mas identificar como o blog constrói as noções de masculino e feminino a partir de dois de seus personagens.

## **2.6 O humor e suas facetas**

Pensamos o humor de dois modos. O primeiro, de modo mais amplo, sob a perspectiva do conceito de campo de Bourdieu (2006), ou seja, constituído por regras e agentes próprios. Isso faz do humor um campo muito vasto, já que inclui desde as piadas de salão, as anedotas, aos programas humorísticos de TV, os espetáculos de stand-upcomedy, os filmes de comédia (e todos os seus subgêneros: comédia romântica, comédia de erros, comédia de costumes, etc.), as charges e as tirinhas de humor, caso do trabalho em questão.

O segundo modo, mais específico, entendemos o humor dentro de uma perspectiva do discurso, como estratégia discursiva e como efeito de sentido. Como estratégia porque pensamos que o humor também é uma forma de argumentar, de mostrar pontos de vista, modos de ver a realidade. Como efeito de sentido porque como

todo discurso, os discursos de humor são contextuais. Ou seja, o sentido ou o efeito de sentido só se concretiza se houver entendimento entre os interlocutores.

De acordo com Possenti (2007), o humor sempre escolhe uma “vítima”. Ou seja, algo ou alguém é ridicularizado de modo a provocar o riso. Essa “vítima” poder ser um sujeito, um objeto, um país, uma língua, etc. Essa ridicularização se dá através do exagero de certas características ou do realce a determinada característica.

Nos enunciados humorísticos, tal como em qualquer outra matéria enunciativa, existe a relação eu-tu. Só que essa oposição quase sempre é dissimulada no humor.

[...]deveria ser evidente que os estereótipos são construtos produzidos por aquele (s) que funciona (m) como o (s) Outro (s) para algum grupo. Mas, eventualmente, essa relação interdiscursiva é ofuscada ou apagada – quando o confronto não aparece na própria piada –, e o efeito é a impressão de que o estereótipo é universal, que não tem condições históricas de produção, ou, pelo menos, que essas condições não incluem efetivas relações de confronto com uma alteridade. (POSSENTI, 2007, p. 13)

A criação desses tipos mascara diferenças constituídas em condições históricas de contenda através de asserções que definem, por exemplo, um tipo social. Por exemplo: “O nordestino é preguiçoso.”.

### 2.6.1 *O humor enquanto acontecimento*

Anteriormente, falamos que a enunciação é um acontecimento. Possenti (2007) afirma que os textos de humor sempre guardam alguma relação com os acontecimentos. O autor parte da noção de que

vários tipos de acontecimento de interesse da História, desde os visíveis e observáveis, que são de curta ou mesmo de curtíssima duração (como um navio sendo carregado em um porto), até os que devem ser reconstruídos pelos historiadores, que, em geral, não são facilmente observáveis, por serem de longa duração (como o aumento da expectativa de vida ou a manutenção de hábitos alimentares e de técnicas agrícolas em determinados períodos da história). (POSSENTI, 2007, p. 3-4)

Deste modo, os discursos de humor podem ser sobre acontecimentos atuais ou breves, mas também podem apresentar temáticas atemporais ou que já estão enraizadas e naturalizadas no imaginário popular de alguma forma.

Possenti (2007) lista diversos tipos de discurso humorístico relacionados a acontecimentos: as charges são sobre acontecimentos do cotidiano, à exceção de quando

relacionam-se a fatos que se desenrolam em períodos mais longos (a gestão de um político, por exemplo); os textos de humor negro são relativos a eventos trágicos e breves; e há aqueles que são imemoriais, naturalizados e que, supostamente, não se relacionam com acontecimentos.

Pensamos que estes últimos são os que estão mais no nível da heterogeneidade enunciativa constitutiva. Em todos os casos citados, o contexto é importante para que o humor se concretize. Em outras palavras, os enunciadores devem ter um conhecimento sucinto relativo ao acontecimento do qual a piada fala. Em relação aos acontecimentos que não são de curta duração, há o apelo à memória: piadas que já foram contadas tantas vezes que as reconhecemos, mesmo quando se apresentam com variações.

Mas não basta apenas isso. Os textos humorísticos recorrem a jogos de linguagem para produzir sentido. Podem ser metáforas, os duplos sentidos, os deslocamentos, as sinédoques, metonímias, paráfrases, paródias, caricaturas e assim por diante. Estas são algumas das categorias operacionalizáveis que utilizamos na análise das tirinhas.

Um ponto que achamos importante ressaltar é que embora estejamos analisando imagens, boa parte da análise são de aspectos textuais, posto que as tirinhas se ancoram bastante no texto, algumas sendo, inclusive, predominantemente textuais.

### 3 INTERNET: ASPECTOS GERAIS

Neste capítulo, tratamos do *blog*, como suporte discursivo da Internet. Discutimos algumas de suas definições, características, variantes estruturais e de gênero de Silva (2003) e também as tipologias ofertadas por autores como Recuero (2003), mas antes disso, é preciso termos algumas noções gerais sobre a Internet, meio onde surgem e se propagam os *blogs*.

De acordo com Castells (2003), embora as ideias que serviram de semente para o surgimento da Internet tal qual é conhecida hoje tenham surgido na década de 1960, somente em 1995 ela torna-se algo “real” para a sociedade civil. Para este autor, a Internet nasce do entrecorte entre a pesquisa onerosa financiada pelo governo, a pesquisa militar e a cultura libertária. Libertária aqui entendida como a ideologia que defende a liberdade em sentido amplo acima de tudo.

Tendo suas origens durante a Guerra Fria, a internet foi desenvolvida pela Advanced Research Projects Agency (ARPA), uma agência criada pelo Departamento de Defesa dos Estados Unidos que objetivava “alcançar superioridade tecnológica militar em relação à União Soviética” (CASTELLS, 2003, p. 13). A Arpanet, precursora da internet, era um programa pequeno desenvolvido por um dos departamentos da ARPA e que, ao longo das décadas de 1970 e 1980, foi continuamente desenvolvido por cientistas e hackers.

No início dos anos 1990, a Internet é privatizada e possui um arranjo que permite a interconexão entre redes de computadores de todo o mundo para em meados desta mesma década tornar-se uma forma de investimento lucrativo para várias corporações e popularizar-se em proporções planetárias. Entretanto, não pretendemos nos estender em aspectos históricos da Internet. Interessa-nos, sobretudo, seu caráter comunicacional e como este meio transforma as formas de interação.

E, de fato, a convergência midiática proporcionada pela Internet tem modificado a forma como as pessoas interagem, a produção do conteúdo, além de tornar possível a circulação desse conteúdo dos mais variados modos. O conceito de convergência midiática foi criado por Henry Jenkins (2006) e diz respeito:

ao fluxo de conteúdos através de múltiplos suportes midiáticos, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamentomigratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS, 2006, p. 27)

A convergência não é uma característica exclusiva da Internet. Se analisamos as mídias tradicionais e, entendemos como tradicionais meios de comunicação “de massa” como o rádio e a televisão, percebemos que, no caso do rádio há a junção de texto e som, e da televisão, de texto, som e imagem. Entretanto, são formas de convergência distintas porque a Internet inaugura peculiaridades nas formas de interação sujeitos e os conteúdos produzidos. Uma delas é a combinação de conteúdos sem uma relação aparente, de modo a produzir sentidos outros. É o caso, por exemplo, dos *mashups*. *Mashups* são músicas criadas através da edição e mixagem de duas ou mais músicas preexistentes. O mesmo termo refere-se também aos vídeos editados e que utilizam como base mais de um vídeo.

Esse tipo de conteúdo surge no ambiente da Internet, mas se propaga por outros meios: uma mostra de filmes, numa boate e assim por diante. Ou seja, o conteúdo que nasce na Internet não fica só lá. É por isso que, conforme Jenkins (2006) aponta, vivemos uma cultura da convergência.

Mesmo em termos de Brasil, cujo acesso e as formas de acesso, ainda são limitados, a cultura virtual invade meios tradicionais como a televisão que ainda é o meio de comunicação mais popular. Um exemplo é o crescente número de quadros nos programas de TV dominicais que remetem à Internet, como os vídeos mais vistos do Youtube, site de compartilhamento de vídeos. É o caso do Domingo Legal e o programa Eliana do SBT e o Domingo Espetacular, da Rede Record.

Outro aspecto é a interatividade. O rádio, assim como a televisão, tentaram promover diálogos com seus respectivos públicos. No rádio, geralmente, o ouvinte telefonava para dar sua opinião acerca de algum assunto ou para pedir sua música favorita. Na televisão, surgem, por exemplo, programas em que são dadas opções para que o telespectador escolha qual deseja ver, e séries de ficção que filmam mais de um final para cada episódio, deixando que o espectador escolha aquele de sua preferência.

Contudo, são formas tímidas de interatividade, se comparadas à multiplicidade de opções que Internet propicia. Os comentários ainda são a forma básica de comunicação entre produtor do conteúdo e consumidor. Mas é possível, há casos, da criação de *blogs* e sites cujo objetivo é satirizar o conteúdo de outro site ou *blog*. Um exemplo é a Falha de São Paulo que se opunha ao jornal Folha de São Paulo. E há também o caso local do portal de notícias fictícias *meiunorte.com*, que atualmente se encontra desativado, sátira ao jornal e portal de notícias Meio Norte.

Outro aspecto importante é o papel das redes sociais na interação e na difusão do conteúdo. Por exemplo, o Twitter é “um serviço norte-americano, criado em março de 2006, tornado público em agosto do mesmo ano pela ‘Obvious’” (LEMOS, p. 1, 2008). Trata-se de uma rede social e microblog. Rede social porque se constitui de usuários interconectados que seguem publicações uns dos outros. E microblog, pois caracteriza-se por publicações semelhantes às postagens de um blog (no tópico seguinte, tratamos de blog de forma mais detalhada), mas com limite de 140 caracteres por postagem. Muitas das postagens são links que direcionam o usuário a um texto maior, postado em sites.

O que nos interessa particularmente é que, assim como os usuários do Twitter, por meio de suas postagens, direcionam seus seguidores para conteúdos de outros sites, estes sites integram-se ao Twitter, num processo circular de reenvio e dispersão, permitindo, assim, que com apenas um clique, qualquer pessoa que possua uma conta no Twitter poste o link daquela página em seu perfil. Os próprios sites têm perfil no Twitter, caso do *blog* Um Sábado Qualquer que é o objeto de estudo deste trabalho. De outro modo, as redes sociais têm importante papel na divulgação de atualizações em sites e *blogs*.

### **3.1 Internet e a modernidade tardia**

Diversos sociólogos têm discutido a contemporaneidade de modo a tentar identificar o que caracteriza o período compreendido entre meados do século passado e esta segunda década do século XXI. Entre eles estão Harvey (1992), Bauman (2001) e Giddens (2002), autores que convocamos para esta discussão. Não intencionamos fazer uma discussão sobre pós-modernidade ou a variedade terminológica dos autores, mas correlacionar algumas das características que atribuem à contemporaneidade e a internet.

Este período coincide com a época do desenvolvimento da internet e chegada desta mídia aos domicílios. Polistchuk e Trinta (2003) afirmam que dois marcos importantes das duas últimas décadas do século XX são os fluxos de informação e o tratamento automático de dados. São aspectos que não se referem exclusivamente à internet, mas podemos entender que há uma maximização deles a partir do momento em que a internet passa a ser de uso doméstico. Estes autores ainda dizem que a internet se diferencia de outros meios de comunicação em relação aos papéis desempenhados por fonte emissora e destinatários. Para eles, há simetria nessa relação:

Cada usuário é um criador/emissor em potencial, porque o produto de sua criação pode ser posto à disposição de outros usuários – todos habilitados a traçar suas “rotas de significação” pelo sistema do hipertexto. Pelos links (“vínculos significativos”) que estabeleça, a si próprio irá guiar por mares virtuais nunca dantes navegados. (POLISTCHUK e TRINTA, 2003, p. 161)

Ou seja, os autores consideram essa simetria de acordo com as lógicas que governam a internet que são distintas de outros meios de comunicação, como a TV. No modelo de TV que se conhece até agora, não há essa liberdade de o receptor da mensagem transmitir o conteúdo e que esse conteúdo seja acessado por outros receptores. Isso não faz parte das regras que constituem o universo televisivo.

Entretanto, pensamos que essa simetria, a qual Polistchuk e Trinta (2003) se referem, só existe em relação à igualdade de oportunidade que emissor e receptor têm, ambos, de produzir e receber conteúdo pela internet.

A internet é um universo virtual com uma série de espaços de acesso e de troca. Este universo é constituído e atravessado por diversos campos, os quais se constituem por diversos agentes com diferentes capitais simbólicos. A legitimidade de suas falas é determinada pelo capital simbólico de que dispõem. Então, não podemos dizer que haja simetria nessas relações. Em outras palavras, todos que acessam a internet são potenciais produtores e receptores (não excluimos essas duas funções no ato comunicacional) de conteúdos, mas somente aqueles que dispõem de maior capital simbólico na internet terão maior visibilidade entre os demais agentes.

Usamos o termo visibilidade porque o capital simbólico na internet nem sempre está relacionado a uma questão de credibilidade. Na realidade, o capital simbólico no meio virtual funciona de maneira distinta de, por exemplo, no campo acadêmico. Isso acontece porque o campo acadêmico, embora heterogêneo, é coeso em algumas questões. Uma delas é aquilo que se espera de seus agentes: objetividade, rigor metodológico, pesquisas, relatórios de pesquisas atendendo a exigências normativas predeterminadas e assim por diante.

Por ser constituída por diversos campos, a legitimidade e credibilidade dos agentes estão sujeitas às regras desses campos cujas fronteiras são mais tênues no espaço virtual. A quantidade de subcampos que a internet constitui, bem como o seu atravessamento por outros campos (inclusive o acadêmico) torna a missão de definir quais são suas regras e como se comportam seus agentes mais complicada. O máximo que podemos dizer é que, dentre os vários ambientes que a internet apresenta (uma sala



de bate-papo, um *blog*, uma rede social, etc.), as regras, os agentes e o capital simbólico mudam. Essa constatação nos leva a pensar na internet como um “local” de extrema indefinição e também como um simulacro da sociedade “real”. Entendemos por sociedade “real” aquela na qual se dão as relações interpessoais face-a-face. Tal qual nas relações face-a-face, na virtualidade as regras e o capital simbólico dos agentes mudam conforme o contexto.

Retomando a questão da contemporaneidade, Harvey (1992) explica que a “fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais ou (para usar um termo favorito) “totalizantes” são o marco do pensamento pós-moderno” (EAGLETON *apud* Harvey, 1992, p. 19). Podemos dizer que o meio virtual é marcado pela intensa fragmentação através dos hiperlinks, da quantidade de informação e também pela indeterminação dessa informação: nem sempre sabemos quem são seus autores. Ainda mais: a internet permite que qualquer indivíduo que disponha de conexão à rede possa redigir e publicar um texto e, assim, ser lido por inúmeras outras pessoas conectadas.

Esse é um marco sem precedentes, pois retira a exclusividade de diversas categorias que antes monopolizavam funções, tais quais informar, formar opinião e assim por diante. A arte e o jornalismo são dois dos campos que têm sofrido maior impacto, pois se proliferam aos montes os *blogs* informativos, onde os autores nem sempre têm graduação na área, assim como as páginas virtuais dedicadas às resenhas de livros, filmes, programas de TV em que os autores usam os critérios que lhes apetece para avaliar o que tem qualidade e o que não tem.

Bauman (2001), que anteriormente utilizara o termo pós-modernidade (Bauman, 1998) para referir-se às mudanças sociais e culturais ocorridas após a Segunda Guerra Mundial, passa a usar a expressão Modernidade Líquida, esquivando-se assim de uma terminologia ambígua – Pós-Modernidade. A Modernidade Líquida é caracterizada por intensa fluidez, o desaparecimento das fronteiras entre tempo e espaço e pelo individualismo que culmina numa cada vez maior insegurança. Ao propor a fluidez/liquidez como metáfora para o atual momento da modernidade, este autor opõe-se frontalmente aos autores que falam de uma ruptura com a Modernidade, expondo que a liquidez faz parte do projeto moderno desde o início, projeto este que tenta liberar a sociedade da estagnação, em suma, da rigidez e resistência em se adequar às novas exigências.

Gostaríamos de nos deter nos dois primeiros aspectos: a fluidez e o desaparecimento das fronteiras entre tempo e espaço, ambos relacionáveis à internet. A fluidez se dá no sentido de que a internet está continuamente se adaptando, desde aspectos estruturais como a conectividade da rede até em termos de inovações que surgem em seu ambiente. São tão rápidas tais mudanças que, às vezes, antes que os usuários se adaptem a uma inovação, outra surge e ocupa seu lugar. É o caso das redes sociais, da estrutura de sites e blogs e da cultura que se forma no ambiente virtual.

A efemeridade faz parte do caráter dessa cultura de um modo que institui um novo sentido para o que é antigo e o que é novo. O antigo pode ser o assunto que se tornou conhecido e comentado há três dias. O novo é o que se apresenta “agora”. É uma relação similar à dualidade notícia atual/notícia velha no jornalismo. Só que no caso da internet o velho se torna velho menos por ser assunto de ontem do que pela quantidade de temas que se apresentam em curto espaço de tempo.

O desaparecimento das fronteiras entre tempo e espaço é algo que não deixamos de relacionar aos meios de comunicação, especialmente à internet. De acordo com Giddens (2002), em sociedades pré-modernas, o tempo e espaço estavam ligados. “Marcadores de ‘quando’ se ligavam não só ao ‘onde’ do comportamento social, mas à substância mesma desse comportamento.” (GIDDENS, 2002, p. 22)

Embora a televisão tenha permitido sabermos o que acontece nos mais longínquos lugares, é com a internet que surge um sentido de “todos juntos”, mas separados fisicamente. O espaço físico, demarcado por fronteiras, é agora sobrepujado por um espaço virtual onde todos podem interagir. Contudo, essa interação logo se revela repleta de tensões porque é na relação com o outro que as semelhanças e diferenças são demarcadas. Isso também contribui para a compreensão que se tem atualmente do que seja a comunidade. Desaparece a necessidade da existência topológica de um local geográfico em que indivíduos de interesses comuns se aglutinam e surgem as comunidades virtuais nas quais os indivíduos constituintes não precisam residir na mesma cidade ou país. É o caso, por exemplo, dos fóruns virtuais – de jogos, música, cinema, compartilhamento de arquivos, etc. – que reúnem pessoas de diversos lugares do mundo em torno de interesses afins.

A diluição dessas fronteiras torna problemática a questão das identidades, especialmente o sentido de identidade nacional. Se antes havia um sentimento de unidade em relação à identidade nacional, atualmente essa unidade encontra-se em crise. Seja pela percepção da heterogeneidade intrínseca à sociedade, seja pela filiação

dos sujeitos a outros grupos de pertença. Por exemplo, em um país com dimensões continentais como o Brasil, fala-se numa “nação nordestina”, sentido que une os brasileiros provenientes da região Nordeste numa identidade que não é propriamente nacional. Afinal, o Nordeste não é uma nação.

### 3.2 Blog

De acordo com Amaral, Recuero e Montardo (2009), inicialmente os *weblogs*, contração de web (rede) e log (relatório), apenas divulgavam links de sites. O termo, criado por JornBarger em 1998, referia-se ao conjunto de sites que reuniam e publicavam links de outros sites. No ano seguinte, com o surgimento de ferramentas que facilitam o uso dos *blogs* (como passaram a ser chamados os *weblogs*), popularizam-se na forma dos diários íntimos. (Amaral, Recuero e Montardo, 2009) Inicialmente, Estes *blogs* têm conteúdo de caráter pessoal, assemelhando-se aos diários pessoais (feitos de papel). Contudo, o *blog* é público para todos aqueles que acessam à internet. Ou seja, diferentemente dos diários encadernados, escritos pelas pessoas e quase sempre secretos, o *blog* não é confidencial.

A popularização dos *blogs* deve-se à facilidade de manutenção, com interface bem mais simples do que um site, por exemplo, e divulgação dos conteúdos. Posteriormente, outro recurso torna o *blog* mais popular: a possibilidade de fazer comentários nas postagens. Atualmente, os comentários são um recurso comum em outros tipos de site. Os comentários permitem a interação entre autor e visitantes do *blog* que podem opinar, criticar, dar sugestões, concordar, fazer acréscimos informativos em relação à postagem e assim por diante. “Essa interação mútua sugere a construção de relações sociais, formando comunidades virtuais.” (MAUAD, 2010, p. 3) Retomando o conceito de *blog*, de acordo com Recuero (2003):

[...]oweblog surgiu como uma ferramenta simples de criar conteúdo dinâmico em um website. É baseado principalmente em dois aspectos: microconteúdo, ou seja, pequenas porções de texto colocadas de cada vez, e atualização frequente, quase sempre, diária. (RECUERO, 2003, p. 3)

Para todos os efeitos, preferimos usar o termo *blog* já que este se tornou mais popular. Atentamos para dois aspectos em relação ao conceito de Recuero (2003). O primeiro diz respeito ao termo microconteúdo. Com o surgimento de ferramentas como o Twitter, que é um microblog e restringe a postagem a 140 caracteres, a questão do microconteúdo nos *blogs* acaba tornando-se precária. Principalmente numa época em

que surgem *blogs* cujos textos propõem-se a fazer análises de eventos políticos, econômicos e culturais. Eventualmente, tais textos acabam sendo mais longos do que as notícias publicadas em sites noticiosos. O outro aspecto é a atualização. Estruturalmente, o *blog* é reconhecido enquanto tal por suas postagens mais recentes localizarem-se no topo da página. Mas não se pode dizer que a periodicidade da atualização seja algo rígido: quanto exatamente um *blog* precisa ser atualizado para que se constitua enquanto tal? Ou, ainda, o mesmo seria válido se um *blog* não mais é atualizado, mesmo a página estando na web? (Blood apud Amaral, Recuero e Montardo, 2009)

Essa perspectiva estrutural é um dos ângulos de observação do *blog*. É uma perspectiva que interessa a esta pesquisa para questões de compreensão do objeto, mas que não influencia diretamente em nossa análise, pois não pretendemos fazer um estudo tomando como referência critérios como periodicidade e, tampouco, uma descrição da estrutura do *blog*. O que nos interessa especificamente é o conteúdo das postagens.

Retomando a conceituação do *blog*, Amaral, Recuero e Montardo (2009) atentam para mais dois tipos de definição. Uma delas é percepção funcional de *blog* a partir da necessidade humana de comunicação. O *blog* é, portanto, uma ferramenta cuja função é permitir que os sujeitos se comuniquem. Não é qualquer ferramenta e sim uma mídia, “[...]uma ferramenta de comunicação, que é utilizada como forma de publicar informações para uma audiência.” (AMARAL, RECUERO E MONTARDO, 2009, p. 31) Esta forma de compreensão tem maior afinidade com os propósitos desta pesquisa, pois nos propomos a uma análise de uma das etapas do processo de comunicação: a produção de sentidos.

Maruschi (2004) assinala este aspecto interativo do *blog*. Para este autor, o *blog* é “um gênero digital que, como tal, prima pelo aspecto sociocomunicativo, isto é, realiza-se na e pela interação entre os usuários da Internet”. (PASSOS, 2007, p. 82) Entretanto, essa comunicação se dá de forma assíncrona, diferentemente de outras ferramentas digitais como os *chats*. (Passos, 2007)

Na última definição que nos é fornecida por Amaral, Recuero e Montardo (2009), o *blog* é compreendido a partir de uma perspectiva antropológica, como artefato cultural. Esse modo de entender o *blog* apresenta a proposta de compreender o contexto histórico-cultural a partir da percepção dos sujeitos que o utilizam. (ESPINOSA apud AMARAL, RECUERO E MONTARDO, 2009) Essa proposta não se enquadra nos

propósitos desta pesquisa, pois não almejamos realizar uma pesquisa etnográfica. Assim sendo, a primeira e a segunda base conceitual são as que interessam a este estudo.

No tópico seguinte discorreremos sobre algumas tipologias de *blog* propostas por Amaral, Recuero e Montardo (2009).

### **3.3 Blog: tipologias**

Neste tópico discutimos algumas proposições de tipologias de *blogs*. A classificação de Recuero (2009) propõe três tipos: os diários eletrônicos, as publicações eletrônicas e as publicações mistas. O primeiro refere-se à concepção tradicional de *blog*, como forma de veicular emoções, sentimentos e pensamentos do autor. O segundo tipo veicula notícias e informações, mas é possível que comentários pessoais surjam em seus conteúdos. O terceiro veicula textos nos quais podem surgir tanto comentários de ordem pessoal como aqueles com caráter noticioso. E também há a classificação de Silva (2003) segundo a qual os *blogs* se caracterizam quanto à autoria, se são individuais ou coletivos. Ou ainda quanto aos gêneros, se temáticos ou livres.

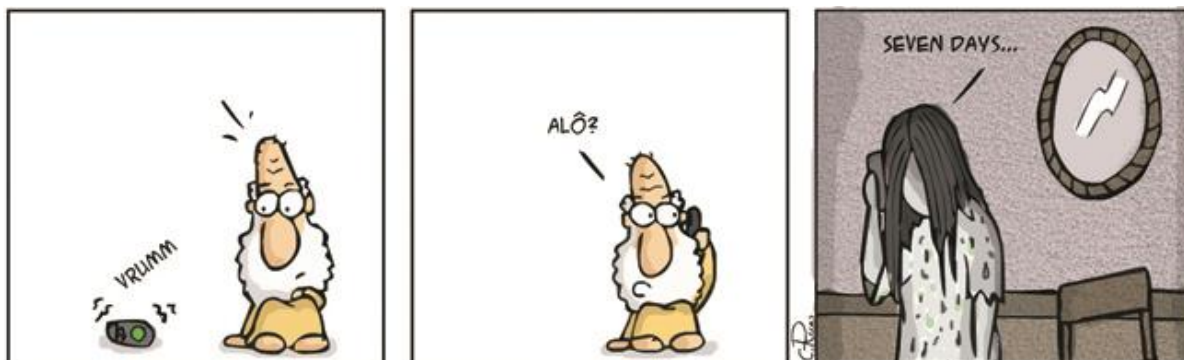
A categorização de Recuero não se adapta ao *blog* objeto deste estudo, já que seu conteúdo não é de ordem pessoal ou noticiosa. Prefere-se adotar apenas a tipologia de Silva. Um Sábado Qualquer é um *blog* temático e de autoria individual. Temático e com função bem específica: divulgação do trabalho do autor. *Blogs* que funcionam como espécie de portfólio são cada vez mais comuns na rede. E podem ter os mais variados temas: fotografia, tirinhas, desenho de moda e assim por diante.

O *blog* oferece praticidade ao usuário pela facilidade de uso e pela gratuidade do serviço. Embora haja servidores pagos, muitos sites permitem que qualquer usuário crie um *blog* sem custos. Estes aspectos contribuem para a diversidade de conteúdos existentes na atualidade, abordados numa perspectiva mais autoral nesse tipo de plataforma.

### **3.4 O Blog Um Sábado Qualquer**

O *blog* Um Sábado Qualquer foi criado em 2008 e é de autoria do designer gráfico Carlos Ruas. O conteúdo do *blog* é predominantemente constituído por tirinhas de humor nas quais vários personagens próprios das religiões, sobretudo as judaico-cristãs, surgem reencenando as histórias pelas quais são conhecidos ao passo em que, paradoxalmente, parecem viver no mundo contemporâneo. É o que ocorre, por exemplo, nesta tirinha:

Figura 1



A tirinha relaciona duas histórias que não têm relação alguma. A primeira é de que o mundo e todas as coisas que nele existem foram criados por Deus no período de uma semana. A outra é a maldição de Samara, personagem do filme *O Chamado*, lançado em 2002. No enredo do filme, logo após ver uma fita de vídeo misteriosa, a protagonista recebe uma chamada telefônica, supostamente de Samara, na qual era informado quanto tempo de vida lhe restava (sevendays ou sete dias). São dois eventos que nada têm a ver entre si, mas que, ao serem relacionados desta forma, causam o efeito de sentido de deadline, o que subverte a ideia da eficiência de Deus em criar o mundo em apenas sete dias. Não é que Ele o tenha feito por sua magnitude, foi o tempo que Lhe foi dado.

Além de personagens que remetem às religiões, há também uma infinidade de outros personagens que referenciam a filosofia e a ciência, a psicanálise, a tecnologia e aspectos da cultura brasileira e até mesmo o próprio autor do *blog*, Carlos Ruas. Nos tópicos seguintes, exemplificamos alguns deles:

- Nietzsche

Figura 2



Ao referenciar o filósofo Friedrich Nietzsche, o *blog* o constrói a partir da adequação do pensamento teórico deste autor ao seu modo de agir. Assim, o fato, por exemplo, de Nietzsche ter criticado o Cristianismo no livro *O Anticristo* é incorporado ao personagem de forma que ele sempre surja questionando Deus e a religião católica. Também o fato biográfico de que Nietzsche teria tido desilusões amorosas o impele a declarar “Não quero lembrar de mulheres” quando Adão apresenta Eva como sua esposa. Em várias outras tirinhas, Nietzsche aparece tentando matar Deus, literalmente. Uma referência a sua famosa frase “Deus está morto”. Quanto ao desenho, são enfatizados dois traços característicos do filósofo: o bigode e o pequeno topete; mas sem o exagero que caracteriza a caricatura, por exemplo.

- Freud

Figura 3



O psicanalista Sigmund Freud é apresentado quase sempre sentado em uma poltrona vermelha, com uma perna sobre a outra. Faz parte do imaginário popular essa representação do psicólogo, como alguém que senta e ouve em posição reflexiva (em outras tirinhas ele está com a mão no queixo) aquilo que o paciente diz. As falas de Freud, sejam análises, sejam perguntas que ele faça, são apropriações do *blog* de frases também associadas à psicologia e psicanálise.

- Chico Xavier

Figura 4



Além de personagens universais, o *blog* também apresenta personalidades brasileiras, como é o caso do médium Chico Xavier. Em todas as tirinhas, a cena enunciativa é arquitetada em torno do fato de ele incorporar espíritos de outros personagens, históricos ou ficcionais, geralmente causando algum tipo de comoção ou traumáticas para os outros personagens, como na ocasião em que incorpora Crono, o pai de Zeus, que envia uma mensagem saudosa ao filho. De acordo com a mitologia grega, Crono engoliu todos os filhos ao saber que seria deposto por um deles, mas ao tentar fazer isso com Zeus, foi enganado por sua esposa Reia que lhe entregou uma pedra embrulhada em roupas de bebê.

- Oxalá

Figura 5



Oxalá é mostrado como uma fusão entre as culturas africana e brasileira, pois ao mesmo tempo em que apresenta elementos que remetem a história do personagem (o vício pelo azeite de dendê), as expressões que usa ao falar referenciam os termos que os escravos negros brasileiros utilizavam durante o período colonial, como “suncê” ao invés de você.



- Carlos Ruas

Figura 6



O autor do *blog* criou um personagem de si mesmo que interage com Deus e aparece em situações cotidianas, geralmente trazendo temas relacionados ao processo criativo das tirinhas, seja quando tem uma ideia, seja quando está tendo dificuldades em ter novas ideias.

Citamos estes exemplos para mostrar que a retórica visual dos personagens não ocorre apenas no caso de Deus, Adão ou Eva, mas também em relação a outros personagens. Isso também demonstra a diversidade de temas que o *blog* apresenta já que cada um desses personagens pertence a universos contextuais distintos. Talvez os mais próximos culturalmente do Brasil sejam Oxalá e Chico Xavier, ambos relacionados à religião, mas pertencentes a religiões bem distintas, um africano e o outro brasileiro e assim por diante.

Além da variedade temática nas tirinhas, o *blog* apresenta outros formatos de postagens:

- 1 Links com notícias que tratem de fatos incomuns, comentadas pelo personagem Deus, onde Ele oferece explicações divinas acerca de fatos incomuns, ressaltando sua qualidade de Criador de todas as coisas;
- 2 Concursos culturais nos quais sorteia brindes;
- 3 Fotos de leitores com os bonecos Deus e Luciraldo;

Quanto ao último item, o *blog* tem uma aba que é a loja, destinada a compra de produtos como pelúcias, camisas, livros, canecas, etc. Todos os produtos relacionados ao *blog*.

A promoção de concursos culturais e as postagens com fotos de leitores ressaltam o caráter interativo do *blog*, mas também o nível de intervenção que os leitores do *blog* têm tanto na produção das tirinhas (sugerindo ideias para elas, por

exemplo) como no ambiente fora da internet. É a informação que circula na internet servindo como forma de intervir na sociedade fora dela.

### 3.4.1 Deus, Adão e Eva

Falamos anteriormente sobre outros personagens e neste tópico nos deteremos nos três que interessam a esta pesquisa. Conforme explicamos na introdução, Adão e Eva são representativos na construção dos gêneros masculino e feminino, mas ao mesmo tempo não ignoramos a interação dos personagens com Deus até mesmo porque compreendemos que este é o personagem central das tirinhas. Faremos uma breve descrição de cada um deles, ressaltando algumas das características que os definem.

- Deus

Figura 7



Deus aparece como um senhor idoso, de barba branca e calvo, trajando túnica amarela. Proporcionalmente, é maior do que os personagens Adão e Eva e, quase sempre, surge como aliado de Adão nas situações das tirinhas. Ao tomar esse partido, por vezes Deus mostra-se tendo comportamentos e atitudes tão sexistas quanto Adão. Em alguns momentos, mostra-se como propagador e defensor dos preceitos da religião católica. Em outros, parece achar aceitável condutas que estão em desacordo com as normas religiosas, como na tirinha em que chama Eva de “moderninha” quando ela pede que lhe faça uma mulher para ter como companhia. Também notamos em Deus certas características associadas aos brasileiros, como a malandragem.

- Adão

Figura 8



Adão apresenta-se como um boneco semelhante ao do jogo da forca: é feito apenas com traços e não tem rosto. Está sempre procurando desculpas para fazer sexo com Eva. Reclama da companheira, seja de forma direta para Deus, seja de forma indireta para seu filho Caim. Entretanto, aparentemente, tem medo de Eva já que sempre finge estar falando sobre outro assunto quando ela surge e evita expor suas insatisfações conjugais diretamente para ela. Ou, ainda, em algumas tirinhas fica implícito que ele as expõe, mas Eva não o compreende.

- Eva

Figura 9



Eva tem aparência semelhante a Adão. Visualmente, apenas o cabelo ligeiramente comprido determina que é uma mulher, a parceira de Adão. Geralmente aparece em situação de desvantagem nas tirinhas. Em outras ocasiões, surge repreendendo Adão por seu “machismo”, reclamando com Deus sobre como Adão possui mais privilégios que ela, sobre as atitudes de Adão ou simplesmente expondo suas angústias e desejos em relação ao homem que ela considera ideal.

No tópico seguinte falamos brevemente sobre humor gráfico e alguns de seus gêneros.

### 3.5 O humor gráfico

Neste tópico tratamos sobre humor gráfico e alguns dos gêneros textuais que o constituem. De acordo com Santos e Rossetti (2012), o humor gráfico surge junto com a imprensa no século XVIII quando jornais passam a publicar ilustrações, cartuns, caricaturas, charges políticas e, futuramente, as tirinhas e as histórias em quadrinhos. Inicialmente, essas imagens tinham o propósito de criticar figuras conhecidas, como os políticos. Posteriormente, foram adquirindo um caráter mais humorístico sem deixar de lado o tom crítico.

A caricatura, por exemplo, não tem caráter narrativo. Consiste na representação de uma pessoa conhecida com traços exagerados. Geralmente características físicas peculiares são deformadas sem que se perca, contudo, a referência à pessoa representada. Mesmo com os traços deformados, é possível reconhecer quem o caricaturista desenhou. Santos e Rossetti (2012) esclarecem que não há consenso quanto ao início da produção de caricaturas já que antes mesmo do jornal impresso, elas já eram feitas e vendidas separadamente.

A charge é destes gêneros talvez o mais associado ao jornalismo, pois se trata de um comentário imagético sobre um fato que tenha se tornado conhecido pela veiculação em jornais e outras publicações impressas. O humor da charge é efêmero dada a própria essência do gênero. Tratando de um fato recente, ao virar “história velha”, a charge perde a graça ou mesmo o sentido já que é preciso que se tenha tomado conhecimento do fato para a compreensão dela. Assim, a relação entre charge e notícia é de complementaridade. (SANTOS e ROSSETTI, 2012)

O cartum é o oposto da charge, pois sua temática é atemporal. Ou seja, seus temas não são necessariamente sobre conteúdos publicados no impresso no qual é veiculado. Neste caso, o humor não “envelhece”, podendo aquela imagem permanecer engraçada por anos. Sobre ele, Santos descreve:

Desenho acrescido de um sentido cômico, normalmente causado pela reversão de uma expectativa (o fato natural que deveria ocorrer dá lugar a outro, inesperado e contrário). Sua compreensão independe de fatores externos e seu conteúdo humorístico emana apenas das imagens e/ou textos (há cartuns sem texto e os que contam com diálogos, postos em balões ou na parte inferior da vinheta) contidos no cartum. (SANTOS e ROSSETTI, 2012, p. 81)

Discordamos da última parte, quando o autor afirma que a compreensão do cartum independe de fatores externos. Ora, a compreensão de qualquer matéria discursiva depende de que setenha elementos referenciais. Do contrário, o sentido não se completa. Talvez não se precise necessariamente do conhecimento de fatos jornalísticos, mas é preciso que se tenham informações que tornem possível a compreensão da cena enunciativa mostrada.

A história em quadrinhos (HQs) surge quando as narrativas ilustradas passam a ser sequenciais com vários quadros. Mas, inicialmente, não tinha como proposta o humor, posto que

[...]abordava temas sérios da sociedade (alcooolismo, por exemplo) e os tratava com uma ótica moralista e conservadora. Assim eram as histórias em imagens criadas por William Hogarth e publicadas em jornais britânicos na primeira metade do século XVIII. (SANTOS e ROSSETTI, 2012, p. 83)

Foi somente com a influência de outro gênero – a charge política – que o humor passou a permear a história em quadrinhos (HQs). E é justamente por conta desse viés cômico que as HQs são popularmente chamadas de comics nos EUA.

### 3.6 Tiras de humor

As tiras surgem como uma espécie de subgênero das HQs. São narrativas ilustradas sequenciais, mas curtas, geralmente com 1 a 6 quadros. As tirinhas têm dois estágios: um “inocente” caracterizado pelo humor, espirituosidade e simplicidade, sendo por isso que tirinhas enquadradas neste formato são responsáveis pela noção de que narrativas ilustradas são destinadas ao público infantil. O segundo estágio, chamada de “moderna”, é caracterizada pela complexidade no tratamento de temas de alcance social. (Berger apud Santos e Rossetti, 2012, p. 108-109)

Santos e Rossetti (2012) trata a tira de quadrinhos como um gênero jornalístico. Só que este não é o caso do *blog* Um Sábado Qualquer, pois este não é uma página noticiosa. É um site que se propõe a fazer humor. O fato de serem publicadas num *blog* as transforma em webtiras. Embora as tirinhas do *blog* se aproximem da descrição do segundo estágio, não podemos dizer que elas trazem temáticas de alcance social da mesma forma que as tirinhas publicadas num jornal o trazem. Podem surgir tirinhas da ordem do atual, que comentem algum fato recente, mas no geral a temática do *blog* é sempre atemporal, o que confere às tirinhas a principal característica do cartum. Talvez

seja um indício de que com a convergência midiática proporcionada pela internet, esses gêneros não sejam mais tão fixos, um tomando de empréstimo características do outro.

O que podemos descartar é a possibilidade de as tiras do *blog* Um Sábado Qualquer serem infantis. Conforme vimos no tópico anterior, a temática da página é bastante diversificada e o fato de citar Freud, Nietzsche, além de divindades de diversas religiões presume que o leitor tenha conhecimento sobre várias religiões e, no caso, de filósofos e psicanalistas, de quem foram essas pessoas bem como o que elas produziram e em que contexto. São similares às tiras que surgiram nos EUA a partir da década de 1950 que “[...]passaram a abordar temas sociais, políticos e existenciais, dirigindo-se a um leitor mais informado, crítico e instruído.” (Santos e Rossetti, 2012, p. 94)

Outro ponto que caracteriza as tirinhas de nosso *corpus* e que Santos e Rossetti (2012) afirma ser pouco comum neste gênero é a reflexão “sobre os dramas do cotidiano do ser humano” na atualidade, mas se utilizando de personagens e cenários que são de um passado remoto. Os autores citam o exemplo do quadrinista Johnny Hart que, em 1958, criou tiras conhecidas como A. C., nas quais representava homens pré-históricos conversando entre si sobre temáticas próprias dos anos 1950. A diferença é que o *blog* Um Sábado Qualquer regressa mais no tempo, trazendo personagens que originaram a humanidade e o próprio Deus que criou tudo.

#### 4 UM SÁBADO QUALQUER NOS EMBATES DE GÊNERO

Neste capítulo fazemos a análise do *corpus* desta pesquisas. Como trabalhamos com imagem e texto, que são dois modos diferentes de discurso, esclarecemos que ambos são tratados como constituintes de uma mesma matéria discursiva. Ou seja, não separamos os discursos textual e imagético na produção de sentidos. Consideramos que um serve de âncora ao outro no processo de significação.

Chegamos ao número de 50 tirinhas estabelecendo alguns critérios, porque a quantidade de tirinhas publicadas no *blog* é extensa. Os critérios são temáticos, ou seja, as tirinhas que apresentam questões relativas aos gêneros sexuais. Como o material publicado no *blog* não é datado, não é possível fazer um recorte temporal. Então, para reduzir a amostra, porque mesmo assim ela ainda ficaria muito extensa, decidimos analisar as tirinhas em que aparecem Deus, Adão e Eva, Deus e Adão ou Deus e Eva, podendo, é claro, outros personagens estarem presentes. O critério é que Deus surja em interação com os dois personagens representativos dos gêneros sexuais.

Sendo este o tema constituinte das tirinhas, atentamos para o fato de que há o entrecruzamento de outros temas como a questão religiosa e o próprio humor: as questões religiosas representadas pelos personagens e o contexto de comunicação; e o humor por meio das estratégias discursivas adotadas pelo enunciador, ou seja, o *blog* Um Sábado Qualquer.

Assim, podemos dizer que há um entrecruzamento entre dois campos: o do humor e a o da religião. Mencionamos estes porque são especificamente aqueles nos quais nos focamos mais detidamente na análise. Ou seja, não ignoramos a existência de outros campos que de algum modo se entrelaçam ou tangenciam as temáticas que pesquisamos nas tirinhas analisadas, mas por questão de critérios de seleção, nos detemos nestes.

Cada um destes campos têm regras próprias, agentes, etc. Mas ainda há outro campo que se faz notável nesse jogo que é o campo midiático. O campo midiático, outrora constituído principalmente pelo rádio, pelo impresso e pela TV, agora conta também com a internet que é para onde convergem essas mídias e é onde reverberam e são reverberados temas que surgem nelas.

As tirinhas selecionadas, de modos diferenciados, tematizam questões referentes aos gêneros sexuais. Decidimos, então, organizá-las por segmentos temáticos. Em cada segmento utilizamos uma tirinha como base de análise. Isto não quer dizer que não possamos citar outras tirinhas no decorrer do texto. Quando necessário, fazemos uso

delas para mostrar aspectos recorrentes que por acaso estejam ausentes na tirinha escolhida como base ou para enfatizar aspectos que julgamos importantes para compreensão do *corpus* selecionado como um todo.

Os segmentos temáticos são o feminino, o masculino, as fronteiras entre o masculino e o feminino, expectativas quanto ao sexo oposto e fidelidade. Como dito anteriormente, estes segmentos são para fins de organização do material, quando queremos ressaltar estes aspectos (como o conceito de feminino do *blog*, por exemplo). As categorias não são excludentes porque dificilmente as tirinhas analisadas se enquadram apenas em uma delas.

#### 4.1 Os personagens

Antes de nos determos na análise dos segmentos temáticos, fazemos algumas considerações sobre aspectos mais ou menos estáveis nas tirinhas. Embora as tirinhas de humor sejam um gênero textual predominantemente imagético, com as tirinhas do *blog* Um Sábado Qualquer, ocorre se não o inverso, ou seja, uma predominância textual em relação a imagem, mas um equilíbrio entre os dois elementos. É recorrente o uso de falas longas atribuídas aos personagens. Por conta disso, observamos o minimalismo dos balões, que literalmente não são exatamente balões circulares fechados. Consistem apenas em um traço que liga o personagem à fala atribuída a ele. Pensamos que o formato de balão minimalista deve-se justamente ao fato de tornar possível o uso de textos mais longos nas falas dos personagens e também a uma escolha pela “limpeza” no tratamento dos elementos imagéticos.

Atualmente, as tirinhas do *blog* Um Sábado Qualquer apresentam uma infinidade de personagens, muitos que nem sequer são associados à religião cristã. Os personagens que mostramos adiante (Figura 10) são predominantemente associados à religião cristã. Como falamos anteriormente, as tirinhas que constituem o *corpus* desta pesquisa apresentam três personagens: Deus, Adão e Eva, mas isso não quer dizer que não possam aparecer outros. Na seguinte imagem são mostrados da esquerda para a direita os personagens Caim, o casal Adão e Eva, Luciraldo, O Mundo e Deus.



Figura 10



O primeiro aspecto, e isso se repete em todas as tirinhas, que observamos é a desproporcionalidade dos personagens uns em relação aos outros. Se seguimos a ordem do maior para o menor, Deus ficaria em primeiro lugar. Depois, o maior seria Luciraldo, seguido pelo Mundo. O casal Adão e Eva e seu filho Caim têm tamanhos semelhantes, subvertendo a lógica porque se Caim ainda é um bebê, como pode ser maior que seus pais? Obviamente que não vemos o “corpo” de Caim, mas apenas o seu carrinho de bebê. Mas mesmo o carrinho é maior do que Adão e Eva.

A cor do carrinho, o azul, é uma cor arbitrariamente associada ao gênero masculino. Não sabemos qual a aparência do menino e, embora ele esteja num carrinho de bebê, nas tirinhas em que aparece, fala com a mesma desenvoltura de outros personagens como, por exemplo, Adão e Eva, que são adultos.

A desproporcionalidade de tamanho entre Deus e Adão e Eva é mais facilmente explicável. Deus é representado muito maior do que Adão, o que sugere a superioridade divina. Além de maior, seu traço tem mais detalhes, com uma aparência semelhante a um ser humano. Ao contrário de Adão e Eva, que são dois bonecos de tinta preta, esboçados apenas com traços e um círculo no lugar do rosto. Círculo este que não contém olhos, nariz ou boca. Isto sugere a ideia da imperfeição do ser humano em relação a Deus, em contraposição à máxima de que o homem foi feito à imagem e

semelhança de Deus. Mesmo que tenha ocorrido assim nos primórdios da humanidade, o ser humano ainda é imperfeito em relação a Deus.

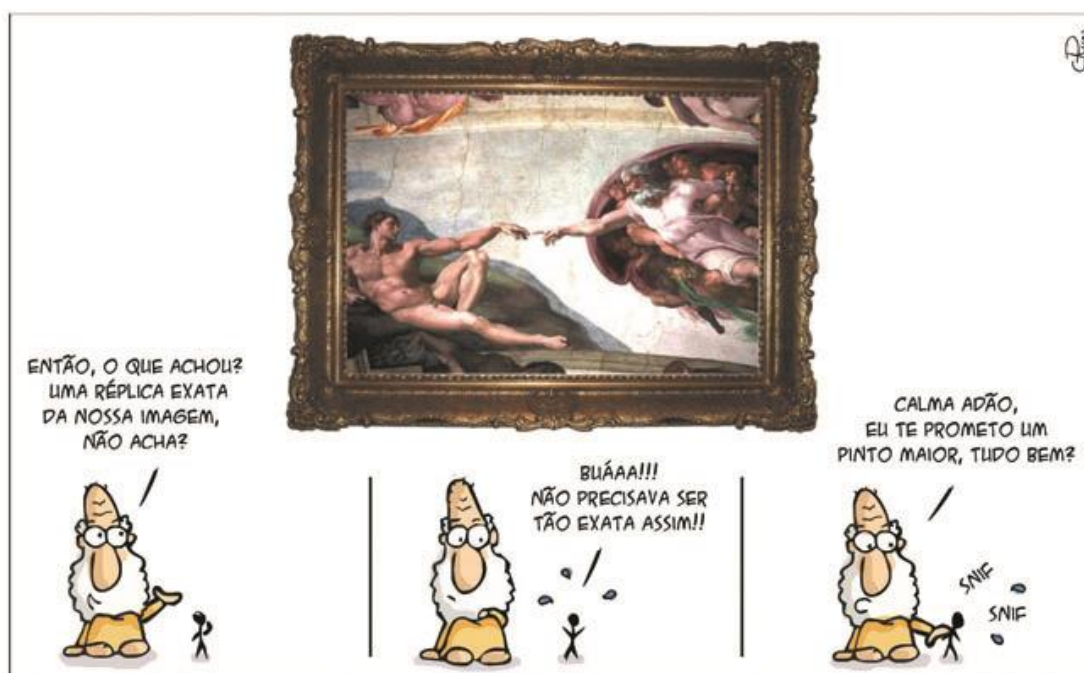
Deus também é representado como um senhor sem cabelos e de longa barba branca, vestido com uma túnica amarela. Deus é, então, um senhor idoso. E no imaginário popular, quanto mais idade uma pessoa tem, mais sábia ela é. Fica implícito que Deus é sábio e tem vasta experiência de vida.

Luciraldo, uma paráfrase de Lúcifer, o anjo caído, é apresentado na cor vermelha, cor associada, no imaginário popular, ao inferno. O personagem é mostrado emergindo de uma cava no chão, outra ideia que faz parte do imaginário popular de que o inferno fica no profundo subterrâneo, afinal Lúcifer é o anjo que caiu. As orelhas pontudas e o focinho avantajado são caracteres associados ao demônio, outra nomenclatura dada a Lúcifer após sua queda do reino dos céus.

#### 4.2 Virilidade (O masculino)

Esse primeiro enquadramento diz respeito ao conceito de masculino mostrado por meio de Adão que é justamente o de virilidade. A virilidade sempre vem atrelada ao masculino em todas as tirinhas que selecionamos. Por isso, optamos por nomear a categoria deste modo. A tirinha que escolhemos como base para análise foi esta:

Figura 11



Na Figura 11, os personagens observam e discutem o afresco “A Criação de Adão”, de Michelangelo. O aspecto mais rebuscado na imagem é o afresco de Michelangelo que evidencia a intertextualidade na tirinha. Deus mostra-se satisfeito com a representação feita pelo pintor italiano ao dizer: “Então, o que achou? Uma réplica exata da nossa imagem, não acha?”. Explica que sua satisfação se deve ao fato da semelhança entre o original e a representação. Adão, ao contrário, chora de tristeza diante da exatidão da imagem: “Buáaa!!! Não precisava ser tão exata assim!!”. Sua tristeza se dá justamente pela extrema semelhança que vê entre o Adão de Michelangelo e a si mesmo. Deus consola Adão: “Calma, Adão. Eu te prometo um pinto maior, tudo bem?”.

Nesta tirinha, temos a recontextualização de “A Criação de Adão”, tela de Michelangelo. A imagem de Adão e Deus do blog Um Sábado Qualquer remete ao afresco e vice-versa, já que A Criação de Adão é apresentada pelos dois personagens em diálogo. No primeiro quadro, a mão de Deus, estendida em direção à pintura assemelha-se ao gesto característico de um curador de museu. Dada a sua postura de expositor, há uma sugestão de que Deus se dirige não apenas a Adão, mas também a quem lê a tirinha.

Identificamos vários operadores de sentido. O primeiro, já mencionado, a mão de Deus apontando para a tela. O segundo aparece no segundo quadro: os braços abertos de Adão com três gotas ao redor. As gotas e a onomatopeia de choro “Buáaa” fazem remissão uma à outra, causando o possível efeito de sentido: Adão está chorando. Por que chora Adão? Pela exatidão de sua representação, ele mesmo explica. Mas Deus é quem esclarece, de fato, o real motivo da tristeza de Adão: na representação de Michelangelo, Adão tem pênis pequeno. E o esclarece como se consolasse sua criatura: “Calma, Adão.” No último quadro, há também outro operador de sentido: “snif, sniff”, que assim como Buáaa, é uma onomatopeia de choro.

Ainda no último quadro, observa-se o uso de uma palavra chula: Eu te prometo um pinto maior, tudo bem?”. A palavra remete ao órgão sexual masculino. Assim, evidencia-se o uso de expressões vinculadas ao discurso pornográfico, embora a tirinha não seja considerada uma obra ou uma sequência pornográfica, posto que não ocorre ato sexual. (MAINGUENEAU, 2010)

Embora no universo diegético não haja indicações de que Deus esteja escarnecendo de Adão, um dos efeitos de sentido da situação é o escarnecimento do personagem. Ou seja, não é um personagem debochando do outro. O sentido do riso

está na representação criada. Contudo, há uma ambiguidade: ao mesmo tempo em que se ri da condição “constrangedora” de Adão, há também um possível sentido de comiseração em relação personagem.

Quando Deus “promete a Adão um pinto maior”, pressupõe-se que Adão tem o órgão sexual pequeno, aspecto que é reforçado no quadro anterior quando Adão manifesta seu descontentamento pela “réplica perfeita” de Deus e Adão. Ou seja, Adão chora porque é revelado que seu pinto é pequeno. Este ponto é reforçado pela imagem, reprodução de Michelangelo, que mostra um Adão com o pênis pequeno. Não foi preciso Adão explicar o motivo de sua insatisfação. Deus compreendeu sem que houvesse uma explicação adicional que o motivo do descontentamento dele era devido ao tamanho da genitália do Adão representado por Michelangelo e por isso ser revelado. Embora um ser onisciente e onipresente, Deus parece compreender Adão mais pelo fato de ser também do gênero masculino do que como o Criador. Pensamos assim pela forma como ele humaniza o discurso da insatisfação masculina pelo tamanho do pênis: ora, é óbvio que Adão está ressentido pela sua representação fiel e essa representação enfatiza o fato de ele ter um pênis pequeno.

Uma interpretação possível seria que o homem é digno de achincalho, se ele tem o órgão sexual pequeno, concepção que se baseia na ideia de que a virilidade é medida pelo tamanho do falo. Esse discurso é apresentado como legítimo porque Deus, ente máximo das religiões judaico-cristãs, promete um pinto maior a Adão. E se Ele vê necessidade nisso, é porque Adão certamente deveria ter um pênis grande. Os discursos também são dissimulados, e podemos dizer que isto ocorre em todas as tirinhas, por meio do humor. É a estratégia a ridicularização de Adão. Não é posto em questionamento, por exemplo, se há homens ou mulheres que não se preocupem com o tamanho do sexo masculino. O foco está na zombaria pelo fato de Adão ter o pinto pequeno. Não há espaço para outra possibilidade e o ideia já-dada é de que um homem deve ter uma genitália grande para que sua virilidade seja legítima. São dois modos – a legitimação e a dissimulação - que funcionam em concordância, de acordo com a lógica de que “é assim mesmo que acontece, portanto é engraçado”.

Ainda podemos ver o elemento de identificação que unifica os homens em torno desta angústia que é o tamanho da genitália.

A mesma temática se evidencia na seguinte tirinha:

Figura 12



Na Figura 12, Deus informa à Adão: “Irei criar uma mulher para te acompanhar.”. Adão responde: “Uhuul! Já volto.”. O quadro seguinte representa a espera de Deus. Adão retorna no quadro seguinte que se assemelha a um close-up de uma câmera: Adão é mostrado maior do que nos outros quadros e está trajando uma folha grande. Ele fala: “Prontinho!”. Deus mostra-se em dúvida: “Humm...”. E Adão esclarece: “É para causar boa impressão!”.

Pressupõe-se que o que está oculto é grande, pois a folha é maior do que as pernas de Adão. E o que está oculto é o pênis dele. Isto somado à declaração de Adão de que a folha grande causaria uma boa impressão na companheira que Deus criará para ele deixa implícito que uma genitália grande é o que agrada e atrairá sua futura parceira. A ancoragem entre texto e imagem é imprescindível para o sentido.

Em dois dos quadros da Figura 12, há ênfase de sentido: o terceiro, em que nenhuma ação ocorre, enfatiza a espera de Deus. E o quarto em que Adão é posto em evidência, uma das poucas imagens em que o personagem é representado do mesmo tamanho de Deus. Entretanto, não para demonstrar a superioridade divina, caso de Deus, mas para dar ênfase à folha que Adão usa.

Nesta tirinha, é reproduzido o mesmo sentido da Figura 11: o tamanho do falo como evidência da virilidade e como característica essencial do ser masculino. Mas aqui

há um elemento adicional: a “boa impressão”. Por esta lógica, Eva teria uma boa imagem de Adão caso pensasse que ele tem o órgão sexual grande.

A tirinha produz, dentre outros sentidos, a ideia de que a virilidade e masculinidade de um homem é definida pelo tamanho de seu pênis. Baseia-se na ideia do senso comum de que o que atrai a mulher é o tamanho da genitália masculina, afinal, é dando a entender que tem um pênis grande que Adão espera causar uma boa impressão em Eva. De outro modo, há a naturalização de um processo que é transitório, pois nem toda mulher considera como importante o tamanho do pênis de seu parceiro, mas a lógica das tirinhas dessa temática é que toda mulher exige isso do companheiro. Obviamente isso não é posto com essas palavras, mas por meio dos vários modos de operação da ideologia que enumeramos anteriormente (a dissimulação, a legitimação, etc.)

As tirinhas que versam sobre este tema seguem um ordenamento que foi construído ao longo do tempo e que advém de heranças culturais e históricas. Contudo, os discursos construídos são apresentados de forma naturalizada, como um já-dado. Para que haja o efeito de humor pretendido, é preciso que reconheçamos como legítimos a necessidade masculina de um falo grande como modo de afirmar sua virilidade e capacidade de atrair o gênero feminino.

Também faz parte desse ordenamento a oposição em relação ao gênero feminino. Não apenas nestas tirinhas, mas nas que seguem adiante vemos como elemento recorrente o estranhamento quando não o embate entre os gêneros, numa espécie de “guerra dos sexos”, marcada pela incompreensão do gênero masculino em relação ao feminino e vice-versa.

Ressaltamos que embora a noção de virilidade em Adão seja construída atrelada à imaturidade, infantilidade e promiscuidade, não podemos aceitar estes aspectos negativos da personalidade do personagem apenas como uma forma de desqualificar o gênero masculino. Também fazem parte da ordem do discurso e já estão tão enraizados nas práticas discursivas que são considerados naturais como se viessem colados ao masculino, como fizessem parte da “natureza masculina”. E, por isso mesmo, são aceitos e reproduzidos socialmente. Ao passo que são inadmissíveis ou pouco aceitos em relação ao gênero feminino. Por exemplo, para o senso comum, é aceitável e até admirável que um homem seja promíscuo. Em alguns contextos, ele chega até mesmo a ser festejado pela quantidade de parceiras. Já em relação ao gênero feminino, tal comportamento é interdito.

Creemos que, ideologicamente, o modo de operação que se sobressai é o da dissimulação. A relação de dominação masculina é obscurecida na medida em que cola ao masculino características “negativas”. Entretanto, esta é apenas uma estratégia para reafirmar e legitimar determinadas práticas como masculinas. Somente masculinas.

E junto a estas práticas, muitas outras vêm juntas, pois ao passo em que o masculino é imaturo, o feminino é construído como maduro (vide Anexo Q). Logo, ao feminino cabem as “grandes responsabilidades”, como o cuidado com a prole. Pois o masculino não tem maturidade suficiente para isso.

Percebemos como essas noções estão em desacordo com o momento atual em que a mulher ganha cada vez maior espaço no mercado de trabalho, algumas preferem não ter filhos, outras, embora em relacionamentos estáveis, abstém-se do casamento.

Achamos importante mencionar, ainda, um último aspecto em relação à virilidade (e ao feminino) que é como a ambiguidade quanto aos gêneros e à sexualidade dos personagens aparece nas tirinhas. Sempre que surge, é imediatamente “corrigida”, como quando Eva explica que não tem intenções em ter uma relação homoafetiva com outra mulher, mas que quer apenas uma amiga (Anexo Q) ou segue um ordenamento, quando Adão está travestido de mulher, mas isto ocorre durante o carnaval, festa na qual as pessoas se fantasiam. Logo, é admissível vestir-se com roupas relacionadas ao gênero feminino. Se não faz parte da ordem do discurso, vestir-se de mulher só pode ser algo ruim. É assim que reage Deus quando é forçado a usar roupa íntima feminina pelo desenhista (Anexo M). Estes exemplos ilustram a desqualificação do feminino. Ser mulher ou associado ao universo feminino é algo negativo, ruim. É a ideia jocosa que se expressa em provocações típicas do universo infantil: “Vestir-se de mulherzinha”, “Correr como mulherzinha”, “Bater como mulherzinha”, etc., que ressalta a inferioridade feminina nessas atividades e, por isso, a recusa em ser associado a este gênero.

### **4.3 O feminino**

Para tratar sobre o conceito de feminino, selecionamos uma tirinha em que Eva expõe suas angústias e, ao mesmo tempo, se define pela diferenciação que estabelece entre Adão e ela:

Figura 13



A Figura 13 é constituída por três quadros. No primeiro, Eva reclama para Deus sobre aspectos fisiológicos (dor no parto, TPM, cólica, menstruação) que ela considera desvantajosos em relação a Adão que, segundo ela, tem “apenas” dor no saco. No segundo quadro Deus replica que Adão terá de suportar uma mulher com todos esses problemas por mais de 900 anos. O último quadro conclui-se com Adão ajoelhado negando-se a aceitar tal realidade e suplicando por misericórdia a Deus.

Embora a tirinha situe os problemas de ambos os gêneros no âmbito predominantemente fisiológico (seja a dor no parto de Eva, seja a dor no saco de Adão), a ênfase é dada ao sofrimento de Adão, que é um atributo de caráter emocional/psicológico. A dor no saco de Adão não é nada comparada ao seu sofrimento em ter de suportar uma mulher com dor no parto, TPM, cólicas e menstruação por 900 anos.

Esta tirinha dialoga com esta outra:

Figura 14



Na Figura 14 o foco não está na reclamação, mas na acusação que Adão faz: de que Deus tem algo contra Eva. Do contrário não teria conferido a ela tantos atributos desvantajosos (ficar 9 meses com uma criança na barriga, complicações, mudanças



hormonais, físicas e psicológicas). Se a tirinha anterior (Figura 13) traz como pano de fundo a ideia de que o homem é quem sofre com a mulher, a Figura 14 defende a tese de que Deus foi injusto com Eva.

Entretanto, como consideramos o diálogo da Figura 13 posterior ao da Figura 14, esta tese fica prejudicada, pois se Adão tinha alertado Eva de que Deus fora pouco justo para com ela, na Figura 13 Deus o convence de que, na realidade, o sofrimento de Eva é tolerável. Já o dele, Adão, é bem maior, pois terá de suportar uma mulher com todos esses problemas.

E podemos considerar assim. Pois nos parece perfeitamente plausível a reclamação de Eva vir logo após Adão dar o seu alerta: “Viu Eva?! Agora acredita em mim quando falo que Deus não vai com a sua cara?”. O caso é que esta fala de Adão revela outro aspecto: a incapacidade de Eva em compreender que foi injustiçada. Mais: as expressões “Viu Eva?!” e “Agora...” dão a entender que aquela não é a primeira vez que ele a alerta para este fato, o que sugere certa obtusidade por parte de Eva em perceber a injustiça de Deus. Reforça a ideia de superioridade masculina, tanto no quesito autoridade como na questão intelectual. É preciso que Adão oriente e instrua Eva para que ela perceba o óbvio.

Apesar de o efeito de humor ser a ideia de o sofrimento de Adão ser maior que o de Eva, o sentido é de ridicularização do sofrimento feminino ao afirmar que Adão sofre mais em aturar Eva com todos os seus problemas. Mas também é de naturalização desse sofrimento feminino, pois foi Deus quem criou Eva. Logo, os problemas citados na tirinha são de ordem divina. Se é divina, também é imutável e não há nada que Eva possa fazer a este respeito a não se conformar. Discursivamente, a estratégia é da eternização: toda mulher sofre e isso é natural, pois elas foram feitas assim.

Entretanto, embora tenha sido sugerida a obtusidade de Eva, pois é Adão quem a alerta sobre Deus “não ir com sua cara”, esta outra tirinha mostra uma perspectiva diferenciada:

Figura 15



Essa tirinha gira em torno da relação entre o jogo Sim City e a própria criação do mundo. Sim City é um jogo de simulação em que o jogador constrói cidades. Eva está jogando e Deus, deixando implícita sua experiência na criação do mundo, oferece ajuda, pressupondo que ela não está conseguindo criar uma cidade. Eva responde que conseguiu construir uma cidade “sem crimes, auto-sustentável e ecologicamente correta.” E afirma que é fácil administrar. Isso deixa Deus furioso e inconformado. No quadro final ele destrói o computador de Eva enquanto fala uma frase infantil “Olha aqui o que eu faço com a sua cidade”.

A tirinha traz uma série de temas. O tema em evidência é superioridade da capacidade de Eva em organizar e administrar, o que remete à capacidade profissional do feminino que, como dito anteriormente, tem ganhado cada vez maior espaço no mercado de trabalho nas últimas décadas. A reação de Deus, ao final, talvez possa representar a crise do masculino na contemporaneidade, pois lugares sociais que até então eram exclusivos como, por exemplo, o provimento do lar, agora é compartilhado com as mulheres. Em alguns casos, é à mulher que corresponde a renda maior do lar. Podemos sugerir uma analogia com o fato de que Deus, Criador do universo, do mundo e de todas as coisas, descobriu-se menos competente que uma de suas criaturas, no caso, Eva, e o homem que se descobre tão ou menos eficiente profissionalmente que a

mulher. O modo paternalista e professoral com que Deus se dirige à Eva reforça a ideia da descrença na capacidade feminina frente às tarefas que são “coladas”, histórica e socialmente, ao masculino, como administrar. Afinal, não podemos deixar de perceber que Deus não é uma figura neutra, mas sim uma figura masculina.

A inconformidade de Deus diante da situação talvez represente a reação de homens em crise na contemporaneidade que não conseguem lidar ou compreender as reconfigurações desses espaços sociais. Um exemplo é o movimento masculinista que se diz ser o homem moderno oprimido pelo (s) feminismo (s) e propõe o retorno de valores tradicionais, ao determinar lugares muito bem definidos para o homem e a mulher.

Outro tema é o da virtualidade, implícita pelo jogo Sim City em comparação ao próprio mundo. Afinal, a cidade de Eva é virtual, uma simulação. Seria o mundo criado por Deus também virtual? O aspecto tecnológico é apresentado de forma alegórica num processo de remissão à própria criação do mundo, suas imperfeições e problemas e até mesmo o questionamento do poder de Deus, pois se Ele é superior sobre todas as coisas, como Eva pode conseguir algo que Ele próprio não tem domínio?

#### 4.4 Fidelidade

Identificamos seis tirinhas com a temática que tratavam sobre (in) fidelidade. Das seis, cinco delas colocavam Adão como possível adúltero. A tirinha (Figura 6) que se segue aborda um diálogo entre Adão e Eva, observados por Deus, em que Eva nota a falta de uma costela em Adão. Não qualquer costela. Outra costela.

Figura 16



O pronome demonstrativo “outra” é que opera o sentido. É preciso que se tenha conhecimento prévio de que Eva foi criada a partir de uma costela de Adão para que se compreenda o sentido de que se falta outra costela em Adão é porque outra mulher foi criada. No último quadro, a frase de Adão “Eva meu amor, acalme-se. Não é nada disso que você está pensando, eu posso explicar.” implícita que Eva desconfia que Adão possivelmente está sendo infiel com essa mulher. A frase é um clichê associado às situações em que homens tentam justificar uma traição.

A tirinha que parece seguir este diálogo é esta:

Figura 17



Eva exige saber o que Adão trocou pela costela. O movimento do braço dela e a posição da cabeça de Adão no primeiro quadro sugerem que Eva deu-lhe um tapa na cabeça ao fazer o questionamento. No quadro seguinte ele confessa que trocou a costela por um Playstation, série de consoles de videogame, o que revela que Adão, embora um personagem bíblico e o primeiro homem da humanidade, utiliza uma tecnologia própria do século XX. Esse é um aspecto recorrente nas tirinhas. Apesar de personagens antigos, Adão e Eva se comportam como se vivessem nos tempos atuais, assim como utilizam ferramentas tecnológicas próprias da contemporaneidade. É o caso desta tirinha:

Figura 18



A temática permeia a questão da infidelidade e ao mesmo tempo traz a questão tecnológica. Esta tirinha é atravessada pelo campo midiático. Nela, Eva informa Adão que pretende terminar a greve de sexo. O pronome “minha” estabelece o contexto. Não é qualquer greve de sexo, relaciona-se ao casal e é realizada por Eva. Mas Adão responde que é “tarde demais”, pois conheceu uma garota, a Lindinha Peituda-22, que é o nickname de uma garota que ele pensa ter conhecido na internet. Adão ainda informa que a traição sairá do campo virtual e passará ao real quando diz que marcou um encontro com a garota. Nesse ponto há uma quebra no tempo da tirinha em relação ao uso da tecnologia. Ao ler o primeiro quadro desta tirinha, mesmo os personagens se chamando Adão e Eva, o que parece é que são um casal contemporâneo. Mas no segundo quadro, Eva lembra Adão de que ela é a única mulher que existe. Então, Adão questiona no quadro seguinte quem seria a Lindinha Peituda-22.

O último quadro é que causa o efeito de riso. O computador e a risada de Deus, representada pela onomatopeia “HA! HA! HA!” deixam subentendido que era ele quem se passava pela Lindinha Peituda-22 e enganara Adão.

A tirinha ilustra algumas das regras que permeiam o campo midiático: a mais óbvia é o anonimato da internet. Adão apresenta-se como ingênuo ou como quem tem pouca experiência com o uso das salas de bate-papo, pois acredita em alguém que ele nunca viu sem nenhuma espécie de prova (fotos, vídeos, etc.).

#### **4.5 Expectativas quanto ao sexo oposto**

Neste segmento temático utilizamos duas tirinhas como base de representação para cada gênero.

Figura 19



Adão pede a Deus uma pessoa que o ame, que seja compreensiva e companheira. Diante do pedido, Deus explica que precisará de “um rim, 3 costelas, 2 dedos e um olho.”. No quadro seguinte a ausência de texto e a postura de Adão que sugerem que ele hesita diante das exigências. Isto se confirma no quadro seguinte no qual ele pergunta: “Vem cá... O que você me faz por uma costelinha, hein?”

Ao fazer o pedido, Adão utiliza a palavra “alguém”, que é um pronome indefinido. Acreditamos que, por ser o primeiro ser humano, Adão não tem um referente de gênero em que se basear. Daí o uso de uma expressão que não determina se a pessoa que ele precisa seja um homem ou uma mulher.

Somente quem conhece o mito da criação será capaz de compreender o sentido de humor da tirinha, pois é preciso ter a informação de que Eva foi feita a partir de uma costela de Adão para que se preencha a lacuna. Esse sentido é de ridicularização da imperfeição feminina e de qual teria sido a explicação para que a Eva não tenha nenhuma das qualidades almeçadas por Adão. Outro ponto é que, de acordo com o mito da criação, não houve um pedido formal de Adão. Na tirinha o efeito de humor também é fruto da situação de Adão sugerindo ele próprio o uso de sua costela para que Deus crie Eva, uma situação que contrasta com o conto bíblico, pois nada sugere que tenha sido assim; mas que não deixa de referenciar uma prática católico-cristã que é pedir a Deus por aquilo que se anseia: por meio da oração, nos momentos de aflição, etc.

A questão que fica implícita na tirinha é que o ser criado por Deus é desprovido das qualidades exigidas por Adão posto que ela não foi feita da forma como Deus indicou que deveria ser. Duas coisas são possíveis de se concluir: 1) Eva é imperfeita porque é feita apenas de uma costela e 2) se ela é imperfeita, a responsabilidade é de Adão que não quis ceder “um rim, 3 costelas, dois dedos e um olho”.

Ao contrário da tirinha que usamos como base em Adão, nesta Eva já tem um referencial – Adão – que não a agrada:

Figura 20



A expectativa de Eva gira em torno da insatisfação com Adão. Ela reclama não suportar Adão e pede que Deus crie outro (homem) “menos machista, canalha, egoísta” e que seja “mais carinhoso, romântico e compreensivo.”. Em resposta, Deus afirma que criará, mas que não poderá garantir que não seja gay, portanto, ela não deve reclamar se tal ocorrer. E assim a tirinha deixa implícito que foi a partir de um desejo feminino que Deus “criou” o primeiro homossexual. Este é um aspecto recorrente nas tirinhas: o enunciador procura preencher lacunas bíblicas, ao mostrar como determinadas situações, tipos ou coisas surgiram.

Parte-se do pressuposto que um homem que não é machista, canalha e egoísta, mas que é carinhoso, romântico e compreensivo pode ser homossexual. Em assunção, o que for contrário a isso é da ordem do adâmico ou heterossexual.

Como o senso comum atribui várias dessas características (o romantismo, a compreensão, ser carinhosa) ao universo feminino, também fica implícito que um homem que possua atributos associados às mulheres é homossexual. E, sendo assim, está desqualificado para o tipo de relação que Eva deseja. Outra tirinha assemelha-se a esta:

Figura 21



Neste caso, Eva atribui outras características negativas a Adão (machista e safado) e desabafa com Deus que espera de Adão que ele seja amigo, companheiro e fiel. A réplica de Deus é que Eva na realidade quer um cachorro. Ora, arbitrariamente, amigo, companheiro e fiel são qualidades atribuídas aos cães. Um aspecto que especifica bem a ideia que o enunciador constrói de marido está na fala de Eva no segundo quadro: “Eu sei que ele é meu marido, mas ele também tem que ser meu melhor amigo, companheiro, fiel...” Quando comparamos essa fala ao dito anteriormente por Eva, é como se as duas sentenças tivessem uma relação de causa e consequência: maridos são, em essência, machistas e safados. Ao passo que não são amigos, companheiros ou fiéis.

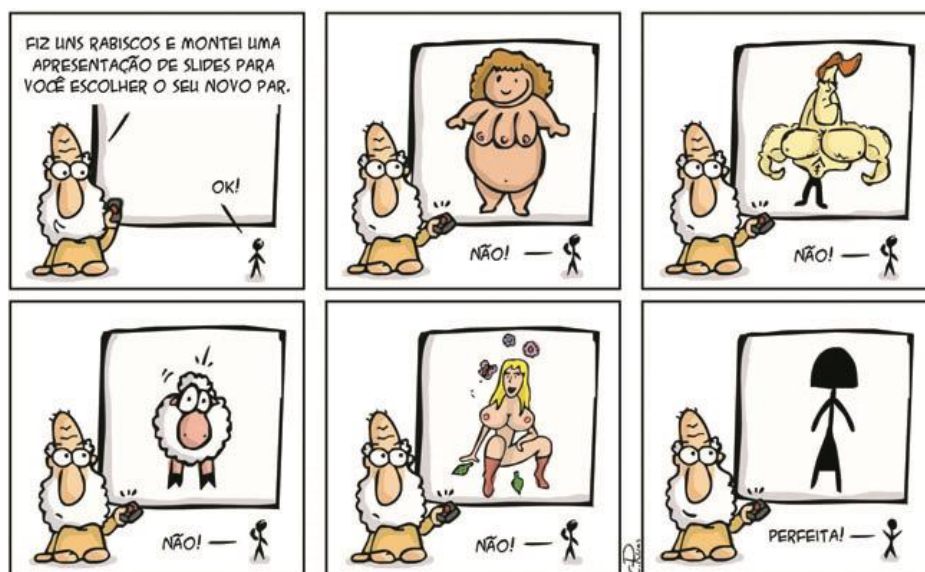
Um diferencial entre os dois personagens é que em nenhuma das tirinhas em que Eva expressa suas expectativas em relação a Adão, ela cita atributos físicos. Em contrapartida, nas tirinhas abaixo Adão dá mostras de predileção por determinadas características físicas femininas, seja de forma sutil (figura 23), seja de forma mais direta (figura 22). Isso constrói a ideia de que homens estariam mais interessados no corpo feminino, enquanto que mulheres nas características psicológicas masculinas:

Figura 22





Figura 23



Esta última tirinha (Figura 23) também marca a alteridade entre os personagens. Dentre todas as opções apresentadas por Deus em seu show de slides, Adão escolhe a que mais se assemelha a ele em aparência e não a que se apresenta dentro de um padrão de beleza convencional (quinto quadro) ou um homem (terceiro quadro).

#### 4.6 A fronteira entre o masculino e o feminino: as alteridades

Neste segmento temático selecionamos cinco tirinhas das quais a anterior (Figura 23) faz parte. Como Adão e Eva são os primeiros homem e mulher, respectivamente, de acordo com a religião cristã, há várias possibilidades de mostrar a alteridade entre os dois personagens. Um dos exemplos que achamos mais representativos desse tema foi o da tirinha a seguir porque ela ressalta a diferenciação não apenas entre Adão e Eva, mas entre Deus e Eva. Vejamos:

Figura 24



Nesta tirinha, Deus informa que criará um ser à Sua semelhança para fazer companhia à Adão ao mesmo tempo em que faz um movimento com a mão característico dos mágicos. No quadro seguinte, Eva aparece e Deus pergunta a opinião de Adão sobre ela. O estranhamento de Adão fica evidente quando ele questiona a presença de atributos físicos em Eva que estão ausentes em Deus, no caso, os seios. Em outras palavras, é a partir da percepção da diferença que o eu se estabelece. A tirinha traz implícito o fato de que Adão também foi criado à semelhança de Deus. Logo, se Deus informa que criará alguém que é feito com base em Si mesmo e que esse alguém servirá de companhia a Adão, pressupõe-se que Eva também é feita à semelhança de Adão. Entretanto, Adão logo percebe que essa semelhança tem limites, pois nem Deus e nem ele possuem seios.

## **5 Considerações Finais**

Quando construímos este projeto tínhamos em mente responder ao seguinte problema de pesquisa: Tínhamos o objetivo estudar como o blog Um Sábado Qualquer, a partir da perspectiva da Análise de Discursos, constrói as noções de gêneros masculino e feminino com os personagens Adão e Eva, buscando compreender que estratégias enunciativas são utilizadas neste processo. A pesquisa foi motivada a partir da percepção de uma visibilidade crescente da diversidade sexual e de gênero, proporcionada sobretudo por meios de comunicação como a internet, deixando claro que usamos o termo meios de comunicação como forma de simplificar porque a internet pode ser também compreendida como meio, suporte e plataforma. Sendo ambiente de convergência também é capaz de modificar sociabilidades.

E a partir deste objetivo central, descrever os aparatos linguísticos e imagéticos utilizados pelo blog e as suas formas de dizer; e apontar que vozes sociais aparecem no discurso do blog.

Trabalhamos com a hipótese de que o blog Um Sábado Qualquer tende a construir os gêneros masculino e feminino embutidos com valores tradicionais em que o conceito de homem deve ser regido pela virilidade e pela tarefa de subjugar a mulher. E o conceito de mulher, por sua vez, baseado na ideia de que esta deve estar submissa ao homem. Ou seja, os discursos das tirinhas de humor reforçam o ranço machista que constitui a sociedade brasileira.

Em relação aos aparatos linguísticos e imagéticos, observamos que as tirinhas são minimalistas, com características mais textuais e poucos elementos imagéticos,

tanto é que os balões são apresentados de modo a dar o maior espaço possível para uso de textos (as falas dos personagens, no caso). Deus é apresentado de forma a balizar os textos bíblicos, ou seja, como um ser superior. Isso ocorre por meio da sua desproporcionalidade física em relação às criaturas Adão e Eva. Mas ao mesmo tempo também é constituído com elementos humanos.

Os personagens Adão e Eva também são apresentados de forma a endossar o texto bíblico: são feitos à imagem e semelhança de Deus, mas imperfeitos. E essa imperfeição é caracterizada por sua aparência física constituída apenas de traços e sem face.

Entretanto, apesar de representados por traços, são expressivos pelo uso de recursos gráficos e remetem aos sentidos textuais. A indefinição de cenários visuais torna a situação de comunicação, geralmente ancorada em cenas bíblicas conhecidas, sugere o contexto de lugar. Isso pode indicar um apelo à memória da religiosidade cristã, fortalecida pelas citações de artes plásticas (como é o caso do afresco de Michelângelo cuja temática é cristã), mas também por representações dessas passagens ilustradas em quadrinhos.

Deste modo, pensamos que os discursos do blog são constituídos por vozes tradicionais do campo religioso. Mas não apenas por elas: são representadas também figuras históricas, como o psicanalista Sigmund Freud. A intertextualidade discursiva é identificada tanto de forma mais evidente, por meio de citações de obras de arte, como *A Criação*, de Michelangelo. Mas também por meio de citações de ideias de personagens em outro contexto de comunicação como é o caso da frase “Nietzsche está morto” dita por Deus, um trocadilho em relação à assertiva de Nietzsche “Deus está morto”.

Nas tirinhas analisadas é possível identificar o conflito ideológico entre os personagens relativo à questão de gênero, baseado principalmente nas insatisfações e nas angústias que cada gênero tem em relação ao outro, sempre na linguagem de humor. Deus frequentemente apresenta-se como aliado de Adão, algumas vezes demonstrando para Eva que ela está errada ou sendo injusta em suas reclamações.

O ideal de masculino a partir de Adão é construído em simbiose com o falo. O masculino é o próprio falo. É a partir do tamanho do pênis que a virilidade masculina é determinada. E o principal aspecto a ser ressaltado nesse sentido é a relação homem-mulher porque é pelo tamanho do pênis que Adão atrai Eva.

Já o feminino, construído a partir de Eva, é apresentado como contestador de sua posição. Em mais de uma tirinha, Eva reclama com Deus sobre sua posição e atribuições. Entretanto, ela não ultrapassa a moral judaico-cristã: por exemplo, preza pela relação monogâmica, ou seja, pela fidelidade.

Em linhas gerais, pensamos que as tirinhas reproduzem o sentido de domínio masculino. Evidenciamos isso, principalmente, pela restrição na voz de Eva. Ela participa pouco das situações de comunicação e, no geral, quando isso ocorre, aparece em desvantagem, seja em relação a Deus, seja em relação a Adão. Quando surge em situações sob luz favorável é para legitimar lugares tradicionais atribuídos à mulher como, por exemplo, o papel de mãe, que tem a obrigação de cuidar dos filhos e, por isso, um “dom natural” para educar crianças. Adão também é representado sob essa perspectiva tradicionalista. Nas tirinhas, ele (e Deus também, mais outro caso em que o divino é humanizado) é incapaz de cuidar de Caim.

Situações de comunicação como esta produzem efeitos de humor porque, de alguma forma, ocorre o reconhecimento. São discursos “naturalizados”. Se Bourdieu fala que o domínio masculino é identificado sobretudo na linguagem talvez a solução esteja na proposta de Fairclough: é pela mudança de nossas práticas linguísticas que talvez seja possível alcançar, de fato, uma mudança social.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Inesita. **A reconversão do olhar**. São Leopoldo: Unisinos, 2000. 280 p.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade (s) enunciativa (s). In: **Cadernos de estudos de linguística**, Campinas, n. 19, p. 25-42, jul./dez. 1990.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2010. 203 p.
- \_\_\_\_\_. **Problems of Dostoevsky's poetics**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: sobre a fragilidade das relações humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004. 190 p.
- \_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 258 p.
- \_\_\_\_\_. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998. 272 p.
- BENVENISTE, Emile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 2006. 294 p.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004. 86 p.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. 243 p.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas: Pontes, 1987. 222 p.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2008. 316 p.
- FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo**. São Paulo: Ática, 2010. 318 p.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2007. 79 p.
- \_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2008. 236 p.
- FREGE, Gottlob. **Sobre o sentido e a referência**. In: *Lógica e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: EDUSP, 2009. 248 p.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. 233 p.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992. 349 p.
- JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008. 368 p.
- LEMONS, Lúcia. **O poder do discurso na cultura digital: o caso twitter**. 1ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso, 2008. <http://www.dle.uem.br/jied/pdf/O%20PODER%20DO%20DISCURSO%20NA%20CULTURA%20DIGITAL%20lemons.pdf> Acesso em 06/02/2013.
- MAGALHÃES, Laerte. **Veja, isto é, leia: produção e disputas de sentido na mídia**. Teresina: EDUFPI, 2003. 158 p.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise de discurso**. Sírio Possenti e Maria Cecília Perez de Souza-e-Silva (Org.). São Paulo: Parábola, 2010. 207 p.
- \_\_\_\_\_. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola, 2008. 182 p.
- MAUAD, Sêmia. **O blog como ferramenta do eu para todos: como ele em sido utilizado para a promoção do indivíduo**. Covilhã: Artigo Científico, UBI. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/bocc-mauad-bolgs.pdf>. Acesso em 06/02/2013.
- PASSOS, Rose Mary Furtado Baptista. **A escrita de si nos diário e blogs juvenis: identidades reveladas**. Teresina: Dissertação de mestrado defendida no Mestrado em Estudos de Linguagem (UFPI), 2007.
- PECHÊUX, Michel. **Semântica do discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: UNICAMP, 1997. 313 p.

- PEIXOTO, Maria da Silva. **A linguística antes de Ferdinand de Saussure**: uma retomada histórica. Web revista Página de Debates: questões de linguística e linguagem, edição no. 9, setembro de 2009.
- PINTO, Milton José. **Comunicação e Discurso**. São Paulo: Hacker, 1999. 105 p.
- POLISTCHUK e TRINTA, Ilana e Aluizio Ramos. **Teorias da comunicação**: o pensamento e a prática da comunicação social. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003. 179 p.
- POSSENTI, Sírio. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010. (livro eletrônico)
- RECUERO, Raquel. Blogs: mapeando um objeto. In: **Blogs.com**: estudos sobre blogs e comunicação. Adriana Amaral, Raquel Recuero, Sandra Montardo (org.) São Paulo: Momento Editorial, 2009. 293 p.
- \_\_\_\_\_. **Weblogs, webrings e comunidades virtuais**, 2003. Disponível em <http://www.raquelrecuero.com/webrings.pdf>. Acesso em 12/07/2012.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1990
- SANTOS E ROSSETTI (orgs.). **Humor e riso na cultura midiática** – variações e permanências. São Paulo: Paulinas, 2012. 220p.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006. 279 p.
- SILVA, Jan Alyne Barbosa e. **Weblogs: múltiplas utilizações e um conceito**. Trabalho apresentado no Núcleo de Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXVI Congresso Anual em Ciência da Comunicação, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003. [http://penta3.ufrgs.br/PEAD/Semana01/2003\\_NP08\\_silva.pdf](http://penta3.ufrgs.br/PEAD/Semana01/2003_NP08_silva.pdf) Acesso em 06/02/2013.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995. 427 p.
- VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004. 286 p.7

## ANEXO A – Temática Virilidade (O masculino)



## ANEXO B – Temática Virilidade (O masculino)



## ANEXO C – Temática Virilidade (O masculino)



## ANEXO D – Temática Virilidade (O masculino)



## ANEXO E – Temática Virilidade (O masculino)



## ANEXO F – Temática Virilidade (O masculino)





## ANEXO G – Temática Virilidade (O masculino)



## ANEXO H – Temática Virilidade (O masculino)



## ANEXO I – Temática Virilidade (O masculino)



## ANEXO J – Temática Virilidade (O masculino)



## ANEXO K – Temática Virilidade (O masculino)



## ANEXO L – Virilidade (O masculino)



## ANEXO M – Temática Virilidade (O masculino)



## ANEXO N – Temática O Feminino



## ANEXO O – Temática O Feminino



## ANEXO P – Temática O Feminino



## ANEXO Q – Temática O Feminino



## ANEXO R – Temática O Feminino



## ANEXO S – Temática O Feminino



## ANEXO T – Temática O Feminino



## ANEXO U – Temática O Feminino



## ANEXO V – Temática O Feminino



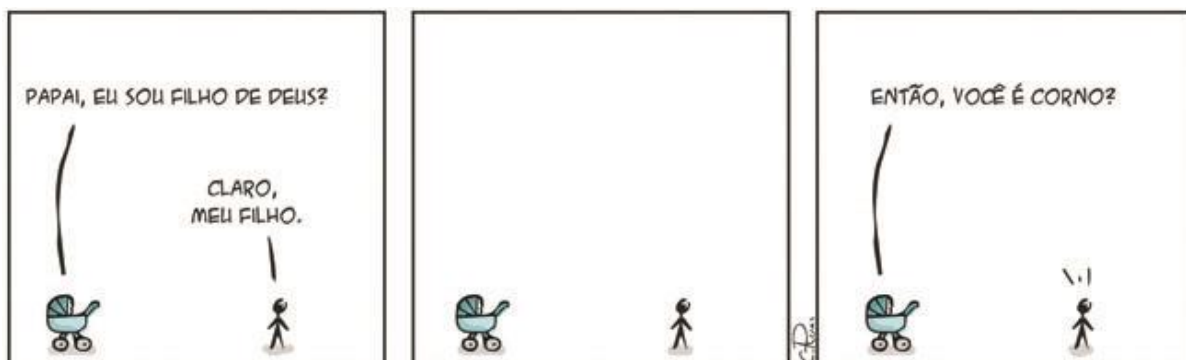
## ANEXO W – Temática Fidelidade



## ANEXO X – Temática Fidelidade



## ANEXO Y – Temática Fidelidade



## ANEXO Z – Temática Expectativas quanto ao sexo oposto



## ANEXO AA - Temática Expectativas quanto ao sexo oposto





## ANEXO BB – Temática Expectativas quanto ao sexo oposto



## ANEXO CC – Temática Expectativas quanto ao sexo oposto



## ANEXO DD – Temática Expectativas quanto ao sexo oposto



## ANEXO EE – Temática Expectativas quanto ao sexo oposto



## ANEXO FF – Temática A fronteira entre o masculino e o feminino: as alteridades



## ANEXO GG – Temática A fronteira entre o masculino e o feminino: as alteridades

